

# **TEOLOGIA PAULINA**

Por

*Dr. Augustus Nicodemus Lopes, PhD*

SÃO PAULO-SP

2000

## ÍNDICE ANALÍTICO

ÍNDICE ANALÍTICO.....	2
• <b>Apresentação</b> .....	3
• <b>Aula 1: Questões Introdutórias (I)</b> .....	4
1. Quais cartas de Paulo? .....	4
2. Qual a fonte da teologia de Paulo?.....	4
3. Paulo mudou sua teologia com os anos?.....	6
Conclusão.....	6
• <b>Aula 2: Questões Introdutórias (II)</b> .....	7
Qual a relação entre Jesus e Paulo?.....	7
Qual a diferença entre Paulo e demais autores do NT?.....	7
Qual o <i>mitte</i> da pregação de Paulo? .....	8
Conclusão.....	9
• <b>Aula 3: Principais Tendências nos Estudos Paulinos</b> .....	10
Introdução.....	10
I. A Reforma Paulo, Pregador da Salvação pela Fé Somente.....	10
II. A Pós-Reforma Paulo, o Homem do Espírito e da Ética.....	10
III. O Racionalismo.....	10
1. A Escola de Tübingen Paulo, o inimigo de Pedro.....	11
2. A interpretação liberal Paulo, o moralista influenciado pelas religiões gregas .....	11
Críticas ao Liberalismo .....	13
5. A interpretação escatológica Paulo, o profeta frustrado .....	14
IV. A Origem Judaica do Pensamento de Paulo Paulo, o Judeu Helenista.....	14
Conclusão.....	14
• <b>Aula 4: A "Nova Perspectiva" sobre Paulo</b> .....	16
• <b>Aula 5: Estruturas Fundamentais -- Plenitude dos Tempos</b> .....	20
Introdução.....	20
1. A Plenitude dos Tempos .....	20
a. O conceito de “plenitude do tempo” .....	20
b. O dia da salvação.....	21
c. Nova criação.....	22
A Revelação do Mistério.....	22
• <b>Aula 6: Estruturas Fundamentais -- Escatologia e Cristologia</b> .....	26
1. O caráter cristológico da escatologia de Paulo.....	26
2. O caráter escatológico de sua cristologia.....	26
4. O Primogênito de Entre os Mortos.....	28
• <b>Aula 7: Estruturas Fundamentais -- Em Cristo, com Cristo</b> .....	30
Em Cristo, com Cristo.....	30
O velho homem e o novo .....	31
Revelado na Carne. Carne e Espírito .....	31
Cristo, o Filho de Deus.....	33
• <b>Aula 8: Estruturas Fundamentais -- O Primogênito de cada Criatura</b> .....	35
O Primogênito de cada Criatura.....	35
Cristo, o Kyrios Exaltado que Virá.....	37
Conclusão.....	37

# Teologia Paulina

*Augustus Nicodemus Lopes*

## ● APRESENTAÇÃO

O apóstolo Paulo é o principal escritor do Novo Testamento. Escreveu 13 dos 27 livros que temos no cânon neotestamentário (estou assumindo que ele é o autor de todos os que reivindicam ter sido escritos por ele). Estes livros são cartas que ele escreveu ao longo de sua carreira missionária, para atender às necessidades das igrejas sob seu cuidado ou de outras com as quais desejava comunicar-se. Nelas encontramos, além de informações valiosas sobre Paulo e as igrejas do primeiro século, os temas mais proeminentes de sua pregação. Elas são a principal fonte para uma "teologia paulina". –

Esta disciplina abordará o pensamento e a mensagem de Paulo no contexto de sua vida e missão. Incluirá descrição e análise das principais tentativas históricas por parte dos estudiosos de sistematizar o ensino do apóstolo Paulo em seus escritos. Abordaremos questões relacionadas com a validade dessas tentativas e o centro da teologia paulina. Também trataremos da origem do pensamento de Paulo e exporemos as estruturas principais de sua teologia. Por fim, faremos uma síntese de alguns tópicos proeminentes da sua pregação.

Nossa convicção é que a pregação de Paulo era controlada pela consciência que ele tinha de que os últimos dias raiaram, dias de cumprimento das antigas promessas dos profetas de Israel, nos quais a nova era, a nova criação é inaugurada em Cristo Jesus. Deste prisma, poderemos entender coerentemente os temas de sua mensagem.

A Igreja através dos séculos tem procurado entender e sintetizar a pregação do apóstolo, valendo-se de suas cartas e dos resumos que temos da sua mensagem no livro de Atos. É claro que a mensagem de Paulo não era considerada como distinta da mensagem de Jesus ou dos demais escritores do NT, mas ela tinha características próprias e peculiaridades que justificavam uma tentativa de síntese.

O objetivo da "teologia paulina" é exatamente fazer esta síntese. Mais precisamente, é descobrir as estruturas fundamentais da pregação de Paulo, entendendo o seu princípio central e dominante – também chamado de *mitte*, do alemão "centro" – e assim compreender os temas da sua pregação à luz destas estruturas e *mitte*, cuidando para não impor à pregação de Paulo uma classificação artificial, arbitrária ou anacrônica.

Nossa disciplina terá algumas limitações. A primeira delas é o fato de que há pouca coisa evangélica na Internet disponível em português sobre a teologia paulina. A outra é que o tempo será curto para nos aprofundarmos neste fascinante campo dos estudos bíblicos. Mas com certeza a disciplina haverá de dar aos alunos uma nova e mais frutífera perspectiva sobre Paulo e sua obra – assim esperamos.

Finalmente, considero e recebo as cartas de Paulo como parte da revelação especial de Deus para sua Igreja. São inspiradas, autoritativas e verdadeiras. Em nossa análise delas, lembremos que possuem natureza humana e divina, que exigem de nós que labutemos e oremos para entendê-las. Ao trabalho, então!

## ● AULA 1: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS (I)

Podemos pensar que "fazer teologia de Paulo" é relativamente fácil, basta irmos direto aos seus escritos, estudá-los e sintetizar nossas conclusões. Mas, existe uma série de coisas a serem feitas antes de podermos dar este passo. Nesta aula e na seguinte abordaremos as questões introdutórias relacionadas com o estudo do pensamento do apóstolo.

### 1. Quais cartas de Paulo?

Qual a importância de definir-se o *corpus paulinus* para a teologia paulina?

*Corpus Paulinus* é o nome que se dá às 13 cartas atribuídas a Paulo. Elas são a principal fonte de nosso conhecimento sobre a pregação do apóstolo (outra fonte são seus sermões em Atos). Entretanto, desde o surgimento do método histórico-crítico no final do século XVII, estudiosos passaram a questionar a autoria paulina de algumas destas cartas. Para eles, algumas delas não foram escritas por Paulo, mas por admiradores e imitadores do apóstolo, anos após a sua morte. Mais e mais estudiosos passaram a adotar esta teoria. As únicas cartas cuja autoria paulina permaneceu indisputada foram Romanos, 1 e 2 Coríntios e Gálatas. Estas quatro ficaram conhecidas como *Hauptbrieve*, um termo em alemão para "cartas principais".

#### QUAL É O PROBLEMA?

As dificuldades levantadas contra a autoria paulina de algumas das cartas do *Corpus Paulinus*, como diferença de vocabulário, diferença de temas teológicos, estilo diferente, eclesiologia muito elaborada para o primeiro século, podem ser respondidas se nos lembrarmos que Paulo escreveu ao longo de 15 anos, que usou amanuenses, que suas cartas tratam de diferentes assuntos levantados por diferentes situações e diferentes igrejas, e que a eclesiologia do primeiro século já era bem elaborada, como o livro de Atos nos mostra. Estudiosos comprometidos com a integridade das 13 cartas têm satisfatoriamente respondido aos argumentos levantados em contrário (veja livros indicados na bibliografia).

Fará muita diferença se adotarmos um "cânon curto" (Romanos, Gálatas, 1 e 2 Coríntios) ou um "cânon longo" (todas as 13 cartas), pois as cartas disputadas contêm temas da pregação de Paulo que não encontramos nas 4 *Hauptbrieve*. Em nosso curso adotaremos o "cânon paulino longo", pois entendo que até o presente não existem evidências convincentes e irrefutáveis para abandonarmos o entendimento da Igreja através dos séculos de que Paulo é o autor das 13 cartas. Estudos mais detalhados sobre a questão da autenticidade serão feitos na disciplina sobre *Inspiração e Cânon*.

### 2. Qual a fonte da teologia de Paulo?

De onde Paulo tirou suas idéias?

Uma outra questão importante é sabermos quais as fontes do pensamento de Paulo. Ou seja, de onde ele tirou as idéias que aparecem exclusivamente em seus escritos, como a comparação de Jesus com Adão, o conceito da transformação dos corpos dos crentes vivos por ocasião da *parousia* (vinda do Senhor) ou ainda as exortações e recomendações éticas, práticas e morais que ele passa aos cristãos. Paulo era um homem de três mundos. Foi educado, como judeu, na religião e cultura **hebraica**, à qual pertencia por nascimento e tradição; viveu no mundo **grego**, cuja cultura, religiões e maneira de encarar o mundo eram dominantes em seu tempo; e pertencia ao mundo **romano**, como cidadão do mesmo. A multiculturalidade de Paulo levanta uma das mais complexas questões relacionadas com os estudos paulinos: qual destas culturas exerceu maior influência em seu pensamento? Que cosmovisão moldou sua teologia? E que filosofia e religião acabaram por formar seu pensamento? Ou será que foi um pouco de cada? A questão da origem do pensamento religioso de Paulo tem exercitado os seus estudiosos por séculos.

A importância disto é muito grande para entendermos Paulo. Suponhamos que Paulo, apesar de judeu, era basicamente um grego, em sua maneira de pensar e de ver o mundo. Logo, quando formos estudar sua pregação, deveremos procurar paralelos no mundo grego, em sua literatura, filosofia e religião. Aliás, esta é uma idéia defendida por muitos estudiosos de Paulo, que ele era um judeu da Dispersão, e portanto, muito influenciado pela cultura helênica, pelas religiões gregas, pelo dualismo grego entre o mal e o bem e pelas idéias do neoplatonismo de sua época. Alguns, como os antigos estudiosos da escola alemã de Tübingen, chegaram a pensar que Paulo era um grande gnóstico, e que suas idéias como união com Cristo, a presença de Cristo na Ceia e mesmo o próprio conceito de que Cristo encarnou, morreu e ressuscitou para salvar pecadores foram tomadas de empréstimo por Paulo de antigas religiões pagãs de mistério. Assim, quando eles estudavam Paulo, procuravam paralelos no gnosticismo, nas religiões gregas e nas lendas e mistérios de religiões dualistas.

### **DOIS TIPOS DE JUDAÍSMO?**

Os judeus na época de Paulo se concentravam em dois lugares: na Palestina e na Dispersão, nome dado ao Israel espalhado pelas cidades gregas e romanas do Império. As maiores colônias judaicas estavam em Alexandria, em Roma e na Mesopotâmia. Os judeus da Dispersão praticavam um Judaísmo mais ameno, por causa da distância do templo, o contato constante com os gentios e a força influenciadora do helenismo. Entretanto, mantinham-se leis às principais instituições judaicas, como o sábado, a circuncisão e as leis sobre alimentação. Paulo era um judeu da Dispersão, foi aparentemente criado em Tarso e sua educação rabínica se deu em Jerusalém (Atos 22.3). Muito embora o Judaísmo da Palestina fosse mais rigoroso por causa da presença do templo, dos fariseus e escribas, não devemos postular uma diferença muito grande entre estes dois tipos de Judaísmo.

Porém, para um grupo crescente e mais influente de estudiosos, o *background* de Paulo era o Judaísmo, especialmente o tipo de Judaísmo existente na Dispersão, fora de Jerusalém, nas cidades gregas onde havia colônias judaicas e suas sinagogas. Paulo havia nascido em Tarso, filho de fariseu. Recebeu a educação padrão dos judeus nas Escrituras Sagradas. Muito embora também tivesse recebido uma educação no helenismo, predominou nele sua educação judaica. Assim, devemos buscar nas Escrituras dos judeus – o Antigo Testamento – as fontes do pensamento de Paulo. Certamente comparações e paralelos com o mundo helenista poderão nos ajudar, já que Paulo era cidadão de dois mundos. Mas é no Judaísmo do primeiro século que encontramos a matriz do seu pensamento.

Além disto, devemos mencionar mais duas outras influências decisivas na pregação do apóstolo. Primeira, *os ensinamentos de Jesus*. Muito embora Paulo não tenha conhecido a Jesus Cristo pessoalmente, certamente recebeu os ensinamentos dele dos que já eram cristãos anteriormente, como por exemplo, sobre a Ceia (1 Co 11.23). Segunda, *o ensino da Igreja apostólica*. Quando Paulo se converteu a Cristo, a Igreja já estava em existência. Através dos muitos contatos que teve com os cristãos, em Jerusalém e em Antioquia, Paulo tomou conhecimento e absorveu o ensinamento da Igreja. Por exemplo, ele diz que "recebeu" os pontos fundamentais da fé, como a morte de Cristo por nossos pecados e a sua ressurreição (1 Co 15.3-4). A expressão "recebeu" indica transmissão por via oral de uma tradição reconhecida. Paulo provavelmente "recebeu" da Igreja primitiva a tradição oral, originada com o próprio Jesus, quanto à sua morte e ressurreição. Isto significa que ao estudarmos o pensamento de Paulo, devemos buscar entendê-lo à luz das Escrituras do Antigo Testamento, do ensino do Senhor Jesus e da mensagem da Igreja apostólica, que se encontra refletida nos demais escritos do Novo Testamento. Há temas na pregação de Paulo que não encontramos explicitamente nestas fontes. A originalidade deve ser creditada à contribuição pessoal de Paulo, que sob a orientação do Espírito de Deus, revelou-nos ainda mais profundamente o mistério de Deus, Cristo (Ef 3.4).

### 3. Paulo mudou sua teologia com os anos?

#### O que Paulo escreveu no fim da vida estava em harmonia com seus primeiros escritos?

Apesar de inspirado por Deus, Paulo continuou sendo um ser humano normal, sujeito ao processo de crescimento, amadurecimento e envelhecimento – como todos nós. É freqüente acontecer que escritores modifiquem seu pensamento e suas idéias com o correr dos anos, ao ponto de rejeitarem obras do início de suas carreiras, pois não mais refletem seu pensamento. Perguntamo-nos se Paulo não teria modificado suas idéias com o transcorrer do tempo, ao ponto de suas cartas mais maduras (como Romanos) contradizerem as primeiras que escreveu (como 1 Tessalonicenses ou Gálatas). Alguns estudiosos acreditam que Paulo passou por um tão grande processo de mudança em seu ministério, que não se pode mais falar de *uma* teologia paulina, mas de *várias*, que foram se alterando à medida que o apóstolo crescia, amadurecia e mudava... suas cartas, dizem eles, não refletem um pensamento coerente e unificado, mas sim idéias contraditórias.

É importante dizer que as supostas contradições apontadas podem e têm sido explicadas por estudiosos conservadores como diferentes ênfases motivadas pelo caráter circunstancial das cartas. Por exemplo, a aparente contradição entre uma atitude crítica do apóstolo para com a Lei de Moisés em Gálatas e sua atitude mais amena e branda em Romanos explica-se levando-se em conta a situação em que Paulo escreveu Gálatas – missionários judaizantes querendo obrigar os crentes gentios a guardarem a Lei de Moisés para serem salvos – e a situação e propósito da carta aos Romanos – dar uma explicação mais detalhada do Evangelho que ele pregava. Esta explicação é muito mais coerente do que a hipótese de que Paulo teria sido repreendido por Tiago após ter escrito Gálatas e então modificou seu pensamento em Romanos, como defendem alguns. Podemos admitir que Paulo *cresceu* no conhecimento da fé e do mistério de Cristo durante seu ministério. Não acredito que ele descobriu tudo de uma única vez e através de revelação direta. O conhecimento de Paulo foi sendo aumentado mais e mais, não somente através das revelações do Senhor, mas através do estudo das Escrituras, da necessidade de dar respostas doutrinárias e práticas para os problemas das igrejas que havia plantado, através do convívio com os outros apóstolos. Porém, este crescimento gradual não implica em contradição interna no pensamento do apóstolo, da mesma forma que o caráter progressivo da revelação de Deus nas Escrituras não implica em contradição entre as diferentes fases.

### Conclusão

Em resumo, podemos afirmar os seguintes pontos relacionados com o estudo das cartas de Paulo, visando sintetizar sua pregação, e que já apontam para o tipo de abordagem que utilizaremos em nossa disciplina:

1. Devemos tomar todas as cartas que reivindicam ter sido escritas por ele, e tentar sintetizar o pensamento do apóstolo usando todas elas.
2. Paulo deve ser entendido à luz do *background* judaico, sem que se despreze sua formação helenista. As fontes de seu pensamento são as Escrituras de Israel, o ensinamento de Jesus Cristo e a tradição da Igreja apostólica de Jerusalém e de Antioquia.
3. Podemos estudar as cartas de Paulo como um todo coerente, muito embora alertas para o fato de que as epístolas do final de seu ministério expressam o pensamento do apóstolo de forma mais completa.

## • AULA 2: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS (II)

### Qual a relação entre Jesus e Paulo?

#### Quão verdadeira é a acusação que Paulo é o verdadeiro fundador do Cristianismo?

Uma das questões mais importantes relacionadas com os estudos paulinos é a relação entre Paulo e Jesus. Existem basicamente duas posições sobre este assunto.

**1. Paulo é o verdadeiro iniciador do Cristianismo, tendo pregado e ensinado uma religião bastante diferente daquela anunciada por Jesus de Nazaré** – Segundo os defensores desta idéia, Paulo tomou a figura do Jesus histórico e a transformou no Cristo da fé. Algumas das principais idéias de Paulo, como salvação pela fé, união com Cristo, sacrifício expiatório, ressurreição de entre os mortos e exaltação à direita de Deus, o senhorio cósmico de Cristo, nunca foram ensinadas por Jesus. Paulo teve estas idéias inspirando-se nas religiões gregas de mistério. Segundo esta opinião, o tipo de religião ensinado por Jesus conforme os Evangelhos é radicalmente diferente daquela religião ensinada por Paulo. A religião ensinada por Jesus era uma espécie de Judaísmo reformado, de obediência interior mais do que exterior. Paulo nunca fala do Jesus terreno, suas obras, milagres e ensinamentos. Ele está interessado somente na morte e na ressurreição de Cristo, tendo deixado de lado os ensinamentos principais de Jesus. Paulo abandonou a religião de Jesus (Judaísmo reformado) e criou uma outra (Cristianismo). Suas idéias prevaleceram e suas cartas serviram como meio de interpretar os Evangelhos. A conclusão final é que a Igreja Cristã, na verdade, deveria ser chamada de Igreja Paulina...!

**2. Paulo não criou o Cristianismo, e sim, Jesus. Paulo é somente um expositor da obra de Cristo e de suas implicações** – Esta é a concepção tradicional da Igreja. As diferenças existentes entre a teologia de Paulo e aquela dos Evangelhos explicam-se em termos de complementação e desenvolvimento. Paulo não é o autor da idéia que a morte de Cristo era um ato salvador de Deus na história. Isto tem origem na mensagem do próprio Jesus e nas Escrituras do Antigo Testamento. Já antes de Paulo começar seu ministério, os cristãos de Jerusalém e depois de Antioquia anunciavam a redenção de pecados mediante fé no Cristo morto e ressurreto. A ausência de referências nas cartas de Paulo à vida e obra de Jesus – seus milagres, suas parábolas, suas obras, seus ensinamentos – explica-se pelo fato de que Paulo escreveu suas cartas às comunidades cristãs já estabelecidas, às quais ele já havia pregado sobre a vida e obra do Senhor Jesus. Nas suas cartas ele pressupõe que seus leitores já têm conhecimento daquilo que mais tarde ficaria registrado nos Evangelhos. Seu objetivo com as cartas era expor as implicações da obra de Cristo, particularmente sua morte e ressurreição, para a vida dos cristãos, e para a solução de seus problemas.

Além do mais, é exagero dizer que Jesus não conhece nada do Jesus histórico. Paulo cita explicitamente ensinamentos do Senhor algumas vezes (ver 1 Co 9.14 que se refere a Mt 10.9-10; Atos 20.35). Diversos dos ensinamentos do Senhor estão implicitamente na mensagem de Paulo, como por exemplo o conceito de que o cumprimento da Lei é o amor (compare Mt 22.37 com Rm 13.9).

Em resumo, podemos dizer que a pregação de Paulo está em continuidade com aquela do Senhor Jesus, e também que a expande, aprofunda e desenvolve. Para isto ele foi constituído apóstolo pelo próprio Deus, para ser o maior expositor da vida e obra de Jesus Cristo.

### Qual a diferença entre Paulo e demais autores do NT?

#### O que torna o pensamento de Paulo distinto do pensamento dos demais escritores do NT? Essa distinção ameaça a unidade da teologia bíblica das Escrituras?

Devemos começar admitindo que existem **diferenças** entre a mensagem de Paulo e aquela dos demais autores do NT. *Primeiro*, há certas doutrinas em Paulo que não ocorrem nos Evangelhos, em Atos, nas cartas de João, de Pedro e dos demais, como a idéia de que Adão é tipo de Cristo ou que os cristãos agora estão livres da escravidão da Lei. *Segundo*, há certas ênfases em Paulo que

aparentam contradizer o ensino de outros autores. O caso mais conhecido é o ensino de Paulo sobre a justificação pela fé somente, que parece ir contrário à Tiago 2, onde se diz que a salvação é também por obras, e não somente por fé. *Terceiro*, há certas doutrinas presentes nos demais autores do NT que estão ausentes em Paulo: a doutrina do Reino de Deus ou dos céus, que aparece nos Evangelhos, o conceito de sacerdócio de Cristo e da aliança em Hebreus, entre outros.

Evidentemente, os pressupostos de quem estuda Paulo irão influenciar a solução adotada. Os que negam a harmonia das Escrituras, sua coerência interna e sua infalibilidade, não hesitarão em afirmar que Paulo contradiz os demais autores. Mas, para os que estão comprometidos com a doutrina da veracidade das Escrituras, este tipo de solução é inadequada. As diferenças podem satisfatoriamente ser explicadas, dentro dos pressupostos reformados, levando-se em conta o seguinte:

1. As doutrinas que ocorrem somente em Paulo são resultado da contribuição do apóstolo para o cânon do NT. Como intérprete autorizado por Deus para explicar as Escrituras do AT e os eventos relacionados com a pessoa e a obra de Cristo, Paulo recebeu e transmitiu determinados aspectos do Evangelho, determinadas interpretações do AT e certas implicações das Boas Novas, que não haviam sido percebidos por outros autores bíblicos. É esta a sua contribuição como indivíduo para o todo da mensagem do NT. Considerando que a revelação é progressiva, segue-se que Paulo foi um instrumento para levar avante e expandir esta revelação, sem contradizer ou contrariar os estágios anteriores.
2. Não há contradição real entre Paulo e Tiago. É o que a Igreja vem afirmando desde a época dos Pais Apostólicos. A fé que Paulo recomenda não é a fé que Tiago condena, e as obras que Tiago recomenda não são as obras que Paulo condena. Basta que se leia Paulo e Tiago em contexto para perceber-se que existe, na verdade, apenas diferentes ênfases. Uma leitura dos comentários de estudiosos conservadores sobre o assunto comprovará isto.
3. O fato de que Paulo não menciona a doutrina do sacerdócio de Cristo ou do pacto, como ocorrem em Hebreus, por exemplo, não quer dizer que ele não as conhecia ou que discordava delas. Por que não admitir, por exemplo, que coube ao escritor de Hebreus transmitir estes importantes aspectos da verdade? Lançar os escritores bíblicos uns contra os outros como sendo a única solução para explicar suas peculiaridades revela já um preconceito implícito contra a doutrina da veracidade das Escrituras.

## Qual o *mitte* da pregação de Paulo?

### Qual a "porta de entrada" para o pensamento e a pregação do apóstolo?

Dentro dos estudos paulinos, a busca de um tema central que possa ser usado para sintetizar o pensamento do apóstolo já tem uma longa história, como veremos nas aulas seguintes. Herman Ridderbos tratou do tema comparando a teologia de Paulo a um imponente edifício, para o qual havia uma porta de entrada que dava acesso aos seus mais diversos compartimentos, salas e andares. Existe realmente uma espécie de "porta de entrada" para a teologia de Paulo? Outros referem-se a esta porta como sendo o *mitte* da pregação do apóstolo (*Mitte* em alemão significa "centro").

A questão é muito simples: qual a doutrina, conceito, motivo ou elemento central da pregação de Paulo em torno do qual podemos organizar a sua teologia? Exemplificando, os estudiosos dos Evangelhos concordam em termos gerais que o tema central da pregação do Senhor Jesus foi o Reino de Deus. Tudo que ele disse e ensinou pode ser entendido à partir deste grande tema. Existe, igualmente, um tema similar nas cartas de Paulo?

Mais uma vez, a resposta dependerá do que acreditamos acerca de Paulo e do que ele escreveu. Se para nós a atividade de Paulo como escritor de cartas era meramente humana, não podemos falar de um *mitte*, pois as contradições inerentes à sua obra impossibilitariam falar-se de um tema unificador, que trouxesse coerência ao seu material. Mas, se para nós, Deus é o autor último do que Paulo escreveu, podemos falar de um centro. Este centro não precisa ser uma doutrina única, pode



até mesmo ser um complexo doutrinário central, de onde Paulo deriva os demais aspectos de seu ensino.

Seguindo a sugestão de Christiaan Becker, professor de NT em Princeton, entendemos que existe uma **coerência** e uma **contingência** no pensamento de Paulo. A *coerência* tem a ver com as estruturas fundamentais de seu pensamento, aquilo que o unifica e que serve de base. É um conjunto de idéias que formam o centro coerente do seu pensamento. A *contingência* refere-se ao fato de que Paulo refletia e escrevia à medida em que as circunstâncias o exigiam. O grande estímulo para suas cartas foi exatamente as necessidades das igrejas que ele fundou e outras que não fundou (Roma, por exemplo). Foi respondendo à estas necessidades que Paulo elaborou muitos dos tópicos de sua teologia, como por exemplo, a doutrina da salvação pela fé somente, em reação à invasão judaizante na Galácia que pregava as obras da Lei como necessárias à salvação. Como diria Leonardo Boff, era "teologia à caminho", sendo feita à medida que a missão entre os gentios avançava (o fato que eu cito Boff não quer dizer que concordo com tudo que ele escreveu). Isto explica porque alguns tópicos aparecem em umas cartas e não em outras (por exemplo, Romanos quase não tem cristologia, a qual aparece bastante em Colossenses), estimulados e provocados pelas necessidades das igrejas locais. Paulo elaborava estas respostas à partir de um conjunto coerente e uniforme de doutrinas, que estavam no centro de seu pensamento, e de onde ele tirava os parâmetros para abordar cada nova contingência.

Em nossa disciplina adotaremos a tese de que o *mitte* do pensamento de Paulo pode ser sintetizado como *a proclamação e explicação do tempo escatológico de salvação inaugurado com o advento de Cristo, sua morte e ressurreição*. É desta perspectiva e sob esse denominador que todos os temas diferentes e isolados da pregação de Paulo podem ser penetrados e entendidos em sua unidade e em sua relação mútua.

Embora este *mitte* pareça ser diferente daquele defendido no curso de *Teologia Bíblica*, ficará claro, à medida que prosseguirmos, que trata-se de diferentes perspectivas, apenas.

## Conclusão

Os principais pontos expostos nesta aula foram:

1. Paulo concentra-se em sua carta nos eventos da morte, ressurreição e exaltação de Cristo, fazendo pouca menção dos seus ensinamentos, milagres e demais obras, o que o torna, não o fundador do Cristianismo, mas o maior expositor das implicações da obra realizada pelo Senhor Jesus.
2. Paulo foi encarregado de expandir e levar avante a revelação de Deus, o que faz com que a sua mensagem esteja em uma relação de complementaridade e não de contradição com os demais escritos do NT, no que ela é única e peculiar.
3. O centro da pregação de Paulo é a consciência de que o tempo escatológico da salvação prometida no Antigo Testamento foi inaugurado com a vinda de Cristo a este mundo. É partir deste *mitte* que Paulo desenvolve seu ministério.

# ● AULA 3: PRINCIPAIS TENDÊNCIAS NOS ESTUDOS PAULINOS

## Introdução

Uma das melhores estratégias para entender as principais questões relacionadas com a teologia paulina é fazer um histórico, ainda que breve, das influências nos círculos acadêmicos que produziram mudanças nos estudos paulinos. Fazer este histórico é também perceber a relação inseparável entre os pressupostos do estudioso quanto à Bíblia – inspiração, unidade, inerrância – e suas conclusões acerca da teologia de Paulo. Nesta aula esboçaremos as principais linhas de interpretação ao pensamento de Paulo, até o presente momento. É preciso lembrar que este esboço é bastante sintético e resumido. Os que desejam estudar mais detalhada e profundamente a história dos estudos paulinos, devem consultar o material sugerido na bibliografia geral deste curso.

## I. A Reforma

### Paulo, Pregador da Salvação pela Fé Somente

Foi especialmente *Martinho Lutero* quem deu um rumo definido aos estudos sobre Paulo durante a Reforma Protestante do século XVI. Isto ocorreu através da interpretação que ele deu à carta aos Romanos. Lutero havia passado por uma experiência de conflito interior com sua consciência, buscando a justificação de seus pecados por meio das obras meritórias oferecidas pelo catolicismo de sua época, até entender que a justificação é mediante a fé em Jesus Cristo. Isto fez com que ele percebesse com mais clareza o ensino de Paulo sobre a justificação pela fé na carta aos Romanos. Lutero chegou a entender que esta doutrina não somente era o *mitte* da carta aos Romanos mas também do resto do Novo Testamento.

Esta foi, em linhas gerais, a abordagem dos reformadores quanto à teologia paulina: seu centro era a doutrina da justificação pela fé. Essa abordagem predomina nos círculos reformados até nos dias de hoje.

## II. A Pós-Reforma

### Paulo, o Homem do Espírito e da Ética

Após a Reforma, alguns movimentos contribuíram para mudanças, nem todas muito positivas. Debaixo da influência do *pietismo*, o centro da teologia de Paulo passou a ser o processo de salvação individual e a santificação. O centro deslocou-se do aspecto forênsico e legal (justificação) para aspectos mais pneumáticos e éticos da pregação de Paulo. O pietismo, sendo uma reação à ortodoxia "morta", enfatizou mais os aspectos práticos e "espirituais" da pregação de Paulo. A mensagem do apóstolo passou a ser entendida mais em termos do seu ensinamento sobre o Espírito Santo e conduta ética. O contraste "espírito" e "carne", tão freqüente em Paulo, era entendido mais em termos éticos, "espírito" como sendo o Espírito Santo ou a natureza regenerada do homem e "carne" referindo-se natureza decaída do homem.

## III. O Racionalismo

Com o surgimento do Iluminismo e a influência do racionalismo na teologia, os estudos de Paulo passaram por mudanças significativas. Algumas linhas surgiram debaixo da influência do racionalismo, procurando entender e sintetizar o pensamento de Paulo partindo dos métodos críticos de estudo da Bíblia que surgiram neste período. Estas linhas partiam do pressuposto de que não havia inspiração divina nos escritos de Paulo, pelo menos não como era entendido pelos reformadores. Um outro pressuposto desta época é que o pensamento de Paulo tinha origem no mundo grego, nas religiões orientais de mistério ou no Gnosticismo.

## 1. A Escola de Tübingen

### Paulo, o inimigo de Pedro

*Ferdinand C. Baür*, um dos principais professores da escola de Tübingen, na Alemanha, ensinou que o centro do pensamento de Paulo não era sua cristologia (Cristo), mas sua pneumatologia (Espírito). Baür entendia que a *antítese entre o espírito e a carne* que aparece freqüentemente nas cartas de Paulo representava a essência do pensamento do apóstolo. Essa antítese era entendida em termos hegelianos, como se referindo à antítese entre o absoluto e infinito (espírito) e o finito (carne).

Segundo Baür, Paulo havia desenvolvido essa antítese espírito-carne em reação ao cristianismo judaico, representado por Pedro e Tiago. Para Paulo, "carne" seria o sistema de salvação legalista contido no cristianismo judaico, e "espírito", a salvação pela graça oferecida em seu Evangelho. Paulo teve essa idéia em sua conversão, quando Deus lhe confrontou com o fato tremendo da morte de Jesus.

A dialética "espírito-carne" foi usada por Baür para determinar a genuinidade das epístolas de Paulo e datar os escritos do NT. Para ele, todas as cartas atribuídas a Paulo onde não ocorre a antítese espírito-carne, não são genuínas, e devem ter sido escritas no século II, por um imitador de Paulo: as Pastorais, Efésios e Colossenses estão entre as principais da lista de Baür. Evidentemente, a tese de Baür tem sofrido sérias contestações pelos estudiosos reformados conservadores.

O problema com a tese de Baür é que ele rejeitou o livro de Atos em sua reconstrução do cristianismo do século I. Em Atos vemos claramente que não havia esta antítese entre o cristianismo judaico de Jerusalém (Pedro e Tiago) e o gentílico de Antioquia (Paulo). Na verdade, até pelas cartas de Paulo conseguimos ver isto (Gálatas 1.6-10). Além do mais, a dialética de Hegel, filosofia usada por Baür para formar sua visão da história, já caiu de moda entre os próprios filósofos. Mas duas coisas podemos dizer sobre sua tese:

1. Ele estava correto em destacar a importância da antítese espírito-carne no pensamento de Paulo; esta antítese ocorre em praticamente todas as suas cartas, muito embora nem sempre com a mesma nomenclatura. Por exemplo, carne-cruz, espírito-mundo, lei-espírito.
2. Infelizmente, ele conseguiu estabelecer firmemente nos círculos acadêmicos modernos a idéia de que Paulo desenvolveu sua teologia em separado de Jesus e dos demais apóstolos.

## 2. A interpretação liberal

### Paulo, o moralista influenciado pelas religiões gregas

Muito embora a linha de Tübingen (que seguiu as idéias de Baür) possa ser considerada como liberal, o rótulo coube a outros estudiosos que também seguiram o pensamento de Baür, mas cuja ênfase recaiu no suposto *background* grego do pensamento de Paulo. Embora diferentes variações desta linha surgiram, elas tinham em comum a hipótese de que as idéias de Paulo tiveram origem em conceitos das filosofias e religiões da Grécia de sua época, as quais Paulo tomou e adaptou às suas crenças cristãs. Mas, exatamente *de onde* Paulo tomou estas idéias emprestadas? Podemos organizar as respostas dadas pelos liberais em três linhas principais.

#### a. Paulo tirou suas idéias das *religiões de mistério*, que eram populares na Grécia

Um dos representantes desta hipótese, *H. Holtzmann*, defendeu que foi no caminho de Damasco que Paulo descobriu um caminho de salvação diferente da Lei, como havia aprendido no Judaísmo. Essa experiência foi profundamente humilhante para ele, e o levou a aprender o que significa morrer e ressurgir com Cristo. Mas, a idéia de morrer e ressurgir com Cristo adquiriu forma mais exata em sua mente debaixo *da influência do pensamento grego*. O conceito de união com a divindade foi tomada por Paulo dos "mistérios" das religiões gregas de mistério. Estes mistérios

eram ritos secretos praticados pelo adorador que o levavam à uma identificação cada vez maior com o seu deus. Paulo teria transferido esta idéia para o cristianismo, criando o conceito de que pela Ceia os crentes se unem ao Senhor ressurreto.

Esta tese foi posteriormente defendida e ampliada por *W. Bousset*. Ele levantou a hipótese de que o Cristo pregado por Paulo era uma reinterpretação mística do Cristo escatológico da igreja palestina primitiva. Para ele, Paulo havia "recauchutado" o conceito e gerado a idéia do *Kurios* (Senhor) pneumático, sob a influência do cristianismo helenista (que já existia antes dele) e das religiões de mistério.

### **b. Paulo foi influenciado pelo mito do redentor cósmico**

Esta outra linha liberal de pensamento continua a afirmar que as idéias de Paulo foram tomadas das religiões gregas, mas identifica o *mito do redentor cósmico* como sendo o ponto de partida de Paulo. Um dos principais defensores desta idéia foi *W. Wrede*. Para ele, a única maneira plausível pela qual Paulo poderia ter tomado a figura do Jesus histórico e a transformado no Cristo que ele apresenta em suas cartas, é se ele já tivesse anteriormente em sua formação e em sua mente alguns conceitos já definidos sobre um ser divino, os quais ele transferiu para o Jesus histórico debaixo do impacto da ressurreição (que para Wrede não foi literal). Wrede acreditava que Paulo tinha conhecimento do "mito do redentor cósmico" de algumas religiões de mistério, o qual ele transferiu prontamente para Cristo. Assim, Wrede defendeu que a origem da religião criada por Paulo estava nos *conceitos mitológicos* das religiões gregas de mistério e não nos mistérios em si, como Holtzmann havia sugerido.

Apesar disto, Wrede reconheceu que a essência do pensamento de Paulo é *a doutrina de Cristo e a sua obra* – ou seja, redenção em escala cósmica. Wrede defendeu também que o conteúdo da mensagem de Paulo era que os fatos acontecidos com Cristo (encarnação, morte e ressurreição) eram redentivos e portanto, o fundamento da religião. Wrede asseverou, assim, que o pilar do cristianismo paulino era o conceito de "história da salvação". E portanto, ele se tornou um dos primeiros a reconhecer o aspecto escatológico, histórico-redentivo da pregação de Paulo.

Um outro defensor da idéia do *mito do redentor cósmico* é o famoso *R. Bultmann*. Para ele, a matriz da cristologia de Paulo não são as religiões gregas de mistério que adoram uma divindade que morre e revive, mas *o drama gnóstico, mitológico e cósmico*, que Reitzenstein havia chamado do *mistério da redenção*, baseado na mitologia da antiga Pérsia. As evidências, segundo Bultmann, estão em Romanos 5, 1 Coríntios 15, Filipenses 2 e Efésios 4.8-10. Nessas passagens, Cristo é pintado por Paulo (ou por um discípulo seu) como uma figura cósmica que desce dos céus para batalhar com os poderes que ameaçam o homem. Por detrás disso tudo, está o entendimento gnóstico acerca do eu e do mundo.

### **c. Paulo foi influenciado pelo Gnosticismo de sua época**

Outros estudiosos levantaram a hipótese de que Paulo havia tirado suas idéias, não das religiões de mistério, mas do *Gnosticismo*. Recentemente uma biblioteca quase completa com escritos gnósticos datando do século IV em diante foi descoberta em Nag-Hamadi, no Egito. Partindo destes documentos, e também das informações dos Pais da Igreja, os estudiosos têm conseguido reconstruir as fases iniciais desta filosofia religiosa, que nasceu na mesma época do Cristianismo (a palavra Grega para conhecimento é *gnosis*, de onde vem o termo Gnosticismo). Estas e outras fontes de informação nos revelam que durante os dois primeiros séculos esta perigosa heresia ameaçou a Igreja. Sua característica central era o ensino que o espírito é totalmente bom e a matéria totalmente má. Como consequência, a salvação consistia na fuga da alma da prisão do corpo, não através da fé em Cristo, mas de um conhecimento secreto e especial. Para muitos estudiosos, Paulo acabou ficando influenciado pelas idéias do Gnosticismo e as aproveitou em sua pregação.

### A literatura Hermética

De Hermes, o mensageiro dos deuses. Nome dado a uma coleção de escritos em grego e latim sobre assuntos filosóficos, teológicos e ocultismo, composta provavelmente durante os dois primeiros séculos da era cristã, descobertos no Egito em meados do século XX. A Hermética trata de alquimia e astrologia, e especialmente da redenção da humanidade através do conhecimento de Deus, uma faceta típica do Gnosticismo.

*Reitzenstein* defendeu a tese de que Paulo havia sido influenciado especialmente por um tipo de religião que combinava o judaísmo com religiões egípcias e orientais. Ele encontrou traços desta religião nos famosos *escritos Herméticos* (veja o quadro ao lado). Os principais pontos dessa religião, que *Reitzenstein* achava que influenciara Paulo, e que deram origem ao conceito paulino da encarnação, morte e ressurreição de Cristo como sendo eventos salvadores, são esses:

1. O conceito de que a alma vive aprisionada pela matéria, mas que ascende e retorna a Deus através da *gnose*;
2. O mito do *anthropos* ("homem", em grego). Segundo este mito, o salvador era uma representação do homem original em quem o *pneuma* divino encontra expressão máxima.

*Reitzenstein* acreditava que Paulo havia sido profundamente influenciado por esse tipo de gnosticismo helenista, pois ele usa muitas palavras similares, como *psuchicos* ("natural"), *pneumatikos* ("espiritual"), *gnosis* ("conhecimento"), *agnosia* ("ignorância"), *potizein* ("iluminar"), etc. Para ele, Paulo foi o maior de todos os gnósticos. Hoje sua tese tem sido rejeitada, mas deixou marcas profundas nos estudos paulinos.

A *escola da história-das-religiões*, movimento iniciado na Alemanha, adotou algumas destas idéias, defendendo que Paulo foi influenciado por um gnosticismo pré-cristão. Para a maioria dos estudiosos dessa linha, o pensamento de Paulo foi dominado por este tipo de gnosticismo, que acabou por produzir nele uma cosmovisão negativa, que atingiu sua [antropologia](#) e sua [cosmologia](#).

## Críticas ao Liberalismo

Várias críticas podem ser feitas a essa linha de abordagem ao pensamento de Paulo:

1. As fontes usadas para sustentar essas hipóteses, que são tratados religiosos do Gnosticismo antigo, foram escritas numa data posterior aos escritos de Paulo: Escritos Herméticos (séc. II), literatura Mandeana (séc. III em diante) e Maniqueana (séc. VII e VIII). Provavelmente, o que aconteceu, segundo o famoso F. F. Bruce, foi que "Mani copiou Paulo e não o inverso".
2. Essas fontes são complexas e não uniformes nesses temas, variando bastante entre si. Não dá para falar de um Gnosticismo único e coerente que existisse ao tempo de Paulo, influente o bastante para ter determinado o pensamento do apóstolo.
3. H. Günkel já demonstrou que a idéia do "espírito", em Paulo, tem origem judaica e não grega. Através de suas pesquisas, este erudito alemão (embora liberal em sua teologia) demonstrou como o conceito paulino de "espírito" encontra paralelos na literatura do Antigo Testamento e na literatura apócrifa produzida pelos judeus, enraizando assim o conceito firmemente em solo judaico. Com isto, Günkel desarmou os que postulavam que Paulo tinha tomado da filosofia e das religiões gregas este conceito.
4. As pesquisas mais recentes demonstram que o verdadeiro background de Paulo é o VT, o Judaísmo do século I. A matriz do pensamento de Paulo não está no [helenismo](#), mas na revelação histórica de Cristo na plenitude dos tempos, o cumprimento cristocêntrico das promessas feitas a Israel.

## 5. A interpretação escatológica

### Paulo, o profeta frustrado

*Albert Schweitzer* (morreu em 1965) é o estudioso mais conhecido dessa linha de interpretação. Para ele, o centro da teologia de Paulo era um *misticismo cristico* (Christ-mysticism), ou seja, o envolvimento da igreja na morte e na ressurreição de Cristo, estar *com* Cristo e *em* Cristo. Essa identificação e comunhão tem como *background* a escatologia judaica. Ele criticou severamente os estudiosos liberais e da escola da história das religiões por não terem destacado o elemento escatológico na pregação de Paulo.

Segundo ele, o pensamento de Paulo está fundamentado na pregação do próprio Jesus sobre a proximidade da vinda do Reino de Deus. Confrontado pela realidade da demora desta vinda, Paulo modificou o sistema original e introduziu o conceito do Reino Messiânico antes do Reino de Deus. A nova era (a entrada em vigor do Reino Messiânico) foi inaugurada pela ressurreição de Jesus e os eleitos dela participam num sentido bem real.

Apesar de ter corrigido positivamente o pensamento da época, há vários pontos na abordagem de Schweitzer que são insatisfatórios:

1. Ele deixa de fora várias das cartas de Paulo que considera espúrias (2 Ts, Cl, Pastorais). Conforme já vimos, o "cânon" paulino que foi adotado acabará por influenciar os resultados da nossa pesquisa.
2. Sua utilização do esquema escatológico judaico força demais a acomodação do pensamento de Paulo. O pensamento de Paulo não pode ser explicado somente em termos da escatologia judaica.
3. Ele continua a manter uma antítese entre Paulo e Jesus, remanescente do liberalismo. Para ele, a religião ensinada por Paulo vai além daquela ensinada por Jesus.
4. Ele nega a realidade histórica da ressurreição e considera que tanto Jesus quanto Paulo estavam enganados quanto às suas expectativas da vinda do Reino de Deus.

## IV. A Origem Judaica do Pensamento de Paulo

### Paulo, o Judeu Helenista

Um outro desenvolvimento importante nos estudos paulinos é o reconhecimento crescente de que a matriz do seu pensamento dever ser encontrada *em sua formação judaica*. O estudioso judeu-alemão *H. J. Schoeps* defendeu que Paulo tem que ser entendido como um judeu da Dispersão (helenista), e que seu estilo e tipo devem ser claramente distinguidos daquele do judaísmo da Palestina. Entretanto, Schoeps está assumindo que o judaísmo da Dispersão e aquele da Palestina são dois mundos distintos e estanques, sem comunicação entre si, o que não pode ser provado. É bom lembrar ainda que Schoeps postulava que Paulo apresenta uma versão distorcida do Judaísmo farisaico de sua época.

Outros estudiosos têm notado o conceito de *personalidade corporativa* no pensamento de Paulo, que tem claramente um background no VT, e que serve como base para a doutrina do "em Cristo", tão característica de Paulo. Até então, como vimos, pensava-se que Paulo havia tirado esta idéia dos mistérios das religiões pagãs, ou dos mitos de religiões persas, ou ainda do Gnosticismo. Um exemplo em português é o livro de Russell Shed, *A Solidariedade da Raça*.

No geral, estudiosos têm reconhecido que o ponto de partida do pensamento de Paulo é o aspecto escatológico, histórico-redentivo de sua pregação. Apesar de ter errado em muitas coisas, Schweitzer conseguiu perceber isso. O mesmo ocorreu com C. H. Dodd. Mesmo Bultmann reconhece que o ponto de partida está na interpretação escatológica que Paulo faz da morte e da ressurreição de Cristo.

## Conclusão

Ao final desta aula, podemos perceber alguns pontos interessantes para nós:

1. Os pressupostos realmente acabam por influenciar o estudo da Bíblia. Os estudiosos liberais e de outras linhas, que partiram do pressuposto da não-existência da revelação divina infalível, acabam por tornar a mensagem de Paulo simplesmente num produto da imaginação humana, criada debaixo da influência de religiões pagãs. Este "ranço" do liberalismo ainda permanece nos estudos paulinos e muitos livros sobre Paulo, especialmente aqueles escritos por estudiosos alemães modernos, refletem a a sua influência. Alguns destes livros são traduzidos para o português por editoras católicas.
2. Como é importante determinamos a matriz do pensamento de Paulo para podermos acessar corretamente o cerne do seu pensamento! Nossa disciplina parte do pressuposto de que esta matriz é o Judaísmo do século I.
3. Ficamos a nos perguntar por que pessoas que não acreditam na Bíblia se dedicam a estudá-la, terminando com teorias tão estranhas para os que a recebem como Palavra de Deus. Pessoalmente, acho que é porque muitos, mesmo sem crer na Bíblia, têm curiosidade (como um historiador ou um arqueólogo) em descobrir como ela foi escrita e como surgiram as idéias religiosas nela contidas. A lição importante para nós é que o estudo da Bíblia deve ser feito com estudo sério e com fé viva no Deus que é seu autor final.

## ● **AULA 4: A "NOVA PERSPECTIVA" SOBRE PAULO**

Nesta aula daremos continuidade à nossa breve pesquisa histórica sobre as tendências principais nos estudos paulinos desde a Reforma, focalizando seus desenvolvimentos mais recentes, desta feita, a chamada "nova perspectiva" sobre Paulo.

Esta tendência surgiu devido ao trabalho de alguns estudiosos, que mencionaremos em seguida. Evidentemente, há muitas coisas em suas obras com as quais não podemos concordar. Por outro lado, eles não causaram impacto no mundo acadêmico sem motivo: algumas de suas argumentações são razoáveis e nos ajudam a entender Paulo melhor.

### **Paulo e o "eu" de Romanos 7**

**W. Kümmel**

#### **Recomendo a leitura de Romanos 7 antes de prosseguirem**

Num artigo que se tornou a obra clássica sobre o assunto, o alemão Werner Kümmel negou a interpretação tradicional de Romanos 7, ou seja, que a passagem é autobiográfica. Para ele, o capítulo não versa sobre os conflitos íntimos de Paulo e seu desespero por não conseguir guardar a Lei. O contexto, diz Kümmel, mostra claramente que o capítulo não é confessional, mas uma apologia em favor da Lei de Moisés. A identidade do "eu" claramente não é Paulo, pois o que Paulo diz acerca do "eu" não pode ser dito de qualquer cristão genuíno, nem mesmo de Paulo antes da conversão, e nem ainda de Adão (como alguns sugerem). Trata-se de um *uso retórico* do "eu". Ou seja, Paulo emprega o termo para se referir ao que acontece às pessoas que estão debaixo da Lei. O *propósito* da passagem, continua Kümmel, é mostrar a relação entre o pecado e a Lei. O impacto dessas conclusões para a *conversão* de Paulo é que Romanos 7 não pode ser usado como uma descrição dos conflitos de Paulo antes da visão no caminho de Damasco.

A influência de Kümmel foi muito grande. Os estudiosos começaram a se perguntar se a figura de Saulo, como fariseu debaixo de profunda convicção de pecado antes de encontrar-se com Cristo no caminho de Damasco, era realmente correta. Muitos deles, inclusive reformados, passaram a ler Romanos 7 de outra perspectiva.

### **Paulo e a consciência introspectiva do Ocidente**

**Krister Stendhal**

Desde a Reforma prevalecia a idéia de que Paulo, durante toda sua vida, sempre teve problemas com a Lei de Deus, antes e depois da sua conversão. Esta interpretação tradicional foi seriamente questionada por Krister Stendahl em 1961, com o artigo "O apóstolo Paulo e a consciência introspectiva do Ocidente". Os seguintes pontos marcam o artigo de Stendhal:

1. *Paulo tinha uma consciência robusta.* Um exame mais acurado dos escritos de Paulo revela que o quadro tradicional de um fariseu em conflito interior com o pecado está baseado numa analogia inadequada com a experiência de Lutero e se constitui numa interpretação errada da evidência. A consciência de Paulo, na verdade, era extraordinariamente "robusta" tanto antes quanto depois do seu encontro em Damasco com o Cristo ressurrecto.
2. *Paulo nunca se preocupou com a questão "o que faço para me salvar".* A preocupação central de Paulo é seu papel entre judeus e gentios e as relações entre crentes judeus e gentios. É essa a razão pela qual ele luta com a Lei e não porque tinha uma consciência aflita e agonizante. A solução que ele encontrou para o problema foi que tanto judeus quanto gentios são justificados pela fé sem as obras da Lei.
3. *A distorção feita por Agostinho.* A Igreja veio afinal a tornar-se basicamente gentílica, e as questões que afligiam o apóstolo Paulo vieram a ser largamente esquecidas. Paulo voltou a ser relevante quando Agostinho escreveu suas "Confissões" onde se percebe claramente o surgimento de um novo elemento na teologia, que é a "consciência introspectiva do Ocidente".



4. *A influência da experiência de Lutero.* Mais tarde, com Lutero e a tradição protestante que se seguiu, a doutrina paulina da justificação pela fé passou a ser a resposta para a pergunta, "como posso encontrar um Deus gracioso e perdoador?" – uma pergunta que a doutrina da justificação pela fé elaborada por Paulo não foi feita para responder. O fato é que a interpretação reformada acabou por impor ao ensino de Paulo sobre a Lei o conflito pessoal de Lutero com sua consciência. Isso veio a dar uma dimensão pessoal, negativa e falsa da perspectiva que Paulo tinha da Lei.

Dessa forma, este bispo anglicano desferiu um golpe que rachou o molde tradicional pelo qual Paulo era entendido. Ele acredita que Paulo não tinha qualquer dificuldade pessoal em obedecer a Lei, e que seus argumentos em Romanos e Gálatas sobre a justificação pela fé não nasceram de um suposto conflito com o Judaísmo e a sua interpretação da Lei.

Stendhal certamente contribuiu para que os estudiosos começassem a perceber que muito do que Paulo disse sobre a Lei não visava a questão da salvação pela fé de forma direta, mas dirigia-se a questões relacionadas com a entrada dos gentios na Igreja. Stendhal também contribuiu para que se fizesse uma avaliação mais exata da relação de Paulo para com a Lei de Deus, em lugar da idéia do fariseu e do cristão gemendo debaixo dos fardos da Lei. Provavelmente Stendhal exagerou quanto à influência da interpretação de Agostinho e de Lutero, como se os demais estudiosos de outras épocas não tivessem a capacidade e o poder de livrar-se do paradigma deles. Mas, certamente nos alerta para o fato de que devemos estar sempre examinando nossos conceitos à luz das Escrituras.

## **Paulo e o Judaísmo da Palestina**

### **E. P. Sanders**

A obra de E. P. Sanders, *Paulo e o Judaísmo da Palestina*, publicada em 1975, causou profundo impacto nos estudos paulinos. Nesta obra massiva, Sanders se propõe a um estudo comparativo entre o sistema de salvação do Judaísmo da Palestina no século I e aquele proposto por Paulo. O livro, portanto, é uma "[soteriologia](#) comparativa". Sanders utilizou-se da literatura Judaica produzida a partir do século III pelos fariseus (antes disto, não temos fontes judaicas escritas). As principais conclusões de Sanders são estas:

3. *O Judaísmo da Palestina não era uma religião que buscava acumular méritos diante de Deus* e nem os fariseus eram pessoas cheias de justiça própria. Não se pode falar de "legalismo" por parte dos fariseus, na época de Jesus e de Paulo.
4. Muito ao contrário, conforme as fontes rabínicas refletem, *o Judaísmo era uma religião baseada na graça de Deus revelada no pacto*. Um judeu se via como já estando no pacto, e realizava obras da lei para permanecer nele, e não para salvar-se. Portanto, o Judaísmo da Palestina é mais bem descrito como "nomismo pactual", expressão criada por Sanders para definir o Judaísmo daquela época.
5. Assim, o "problema" de Paulo com a Lei não era de fato um problema em si – sua dificuldade com o Judaísmo da Palestina (por exemplo, em Gálatas) é simplesmente que o Judaísmo não era Cristianismo.
6. Na verdade, o ponto em discussão em Gálatas "não era se as pessoas através de suas boas obras poderiam obter méritos suficientes para ser declaradas justas diante de Deus, no julgamento final. O ponto era simplesmente a condição em que os gentios poderiam entrar no povo de Deus", afirma Sanders.
7. Desta forma, Sanders propõe que se releia Paulo, não como alguém que era contra o legalismo ou as obras da Lei, ou contra o Judaísmo, mas como alguém que está simplesmente preocupado em ter seus convertidos dentro da Igreja sem as obras da Lei. Ou seja, desde o período pós-apostólico até hoje, a Igreja interpretou Paulo erroneamente, como se a briga dele fosse contra o legalismo do Judaísmo e contra o sistema meritório de salvação pelas obras!

A tese de Sanders, em que pese sua influência e impacto, tem encontrado diversos oponentes e críticos. Várias fraquezas de sua tese têm sido apontadas, entre elas as seguintes:

1. A distinção que ele faz entre "ser justificado diante de Deus" (que para ele não era a preocupação nem de Paulo nem dos judeus, nem de ninguém no século I) e "entrar no povo de Deus" permanece sem uma justificativa clara e sem uma explicação em que essas duas coisas são diferentes.
2. Diversos estudiosos acusam Sanders de ter manipulado as informações recolhidas das fontes rabínicas, pois omitiu as evidências de que o Judaísmo palestino era de fato legalista.
3. Sanders também presume que o Judaísmo da Palestina era *monolítico*, isso é, uma religião cujos ramos e variantes tinham a mesma opinião sobre fé, obras e o pacto – algo que simplesmente não pode ser provado. Até onde sabemos, havia muitas e diversas "denominações" dentro do Judaísmo do século I, como farisaísmo, saduceísmo, zelotismo, apocalíptico, etc.
4. A tese de Sanders acaba por assumir que Sanders sabe mais sobre o Judaísmo do século I do que Jesus e Paulo. Se Sanders está certo, então Jesus e Paulo estão errados, pois ambos se referiram aos judeus da sua época como procurando justificar-se diante de Deus arrogantemente mediante as obras da Lei.
5. As fontes usadas por Sanders para reconstruir o sistema de salvação judaico no século I datam de pelo menos 200 anos após Paulo ter escrito suas cartas. Muito embora os judeus sejam conhecidos pela fidelidade em transmitir a tradição oral, fica difícil aceitar que após a destruição do templo em 70 DC e o exílio e dispersão dos judeus em 125 DC o Judaísmo permaneceu o mesmo. As fontes de Sanders refletem com certeza o Judaísmo do século III em diante, mas ainda precisa ser demonstrado se refletem acuradamente o Judaísmo do século I.

Em que pesem as fraquezas das teorias destes estudiosos, tanto a interpretação psicológica de Paulo feita por Stendahl quanto à reconstrução do Judaísmo palestino feita por Sanders chegaram para ficar, e já influenciaram decisivamente os estudos paulinos. Como resultado, as teologias paulinas mais recentes já esboçam um Paulo mais positivo quanto ao Judaísmo, a Lei e os judeus. E mesmo entre os círculos reformados existem estudiosos que têm tirado proveito do que há de bom, e passado a encarar a Paulo, não de uma nova perspectiva, mas certamente de uma mais bíblica.

#### **A. Conclusão: tomando uma posição**

Ao terminar esta breve revisão histórica das principais tendências nos estudos paulinos, precisamos tomar uma posição quanto às questões que foram levantadas. Seria preciso, a rigor, discutir profundamente cada uma delas, mas isto provavelmente levaria mais tempo do que podemos gastar em um curso breve e introdutório sobre a teologia de Paulo. Colocarei diante da classe o que penso sobre estas questões. É sobre esta base que desenvolveremos o nosso estudo sobre a teologia de Paulo. É importante dizer que estas posições aqui tomadas não são *minhas*, mas representam o consenso de um grande número de estudiosos reformados, comprometidos com a Palavra de Deus.

**1. As fontes para uma teologia paulina** – Para que possamos sintetizar o conteúdo da pregação de Paulo, podemos usar as 13 cartas que trazem seu nome e os resumos de suas pregações no livro de Atos. Muito embora estas fontes não nos dêem um conhecimento exaustivo do pensamento de Paulo, nos dão o suficiente para podermos falar de uma "teologia" do apóstolo.

**2. Desenvolvimento sem contradições internas no pensamento de Paulo** – Paulo não aprendeu tudo de vez, muito embora tenha recebido muitas coisas através de revelações diretas do Senhor. No transcorrer dos anos, mediante o estudo das Escrituras do Antigo Testamento, do convívio com outros cristãos e no andamento do seu trabalho missionário, seu conhecimento foi se expandindo e complementando. Entretanto, por virtude da inspiração divina, este processo de desenvolvimento

aconteceu sem que possamos falar em contradições entre o pensamento inicial de Paulo, refletido em suas primeiras cartas, e seu pensamento mais amadurecido, refletido na literatura posterior.

**3. A unidade teológica na diversidade das cartas de Paulo** – Exatamente pelo motivo anterior é que podemos dizer que muito embora Paulo tenha escrito muitas e variadas cartas para atender a diferentes situações e em diferentes épocas de sua vida, existe uma unidade teológica em seus escritos, que nos permite falar em uma "teologia paulina".

**4. Harmonia entre a teologia de Paulo e demais escritos da Bíblia** – Nesta mesma linha de pensamento, afirmamos também a unidade essencial entre o pensamento e a pregação de Paulo, refletidos em seus escritos, e a mensagem do Antigo Testamento e aquele de outros apóstolos e escritores do Novo. Muito embora a mensagem de Paulo tenha características e peculiaridades próprias, o que representa a sua contribuição para a totalidade da revelação divina, não contradiz nem diverge da mensagem central das Escrituras. Isto precisa ficar claro, ao usarmos o termo "teologia paulina". Com isto não queremos dizer que a teologia de Paulo é diferente daquela de Pedro ou de João, mas que tem suas próprias características.

**5. O background judaico do pensamento de Paulo** – Muito embora devamos reconhecer que Paulo conhecia a cultura grega, suas religiões, filosofias e maneira de pensar e de escrever (o que pode ser verificado em suas próprias cartas), a matriz de seu pensamento encontra-se no mundo judaico, em suas Escrituras, tradições, instituições, esperanças e maneira de encarar o mundo.

**6. As fontes de sua mensagem** – A mensagem de Paulo não é totalmente original: ele usou conceitos cristãos que já existiam antes dele, os quais remontam à vida, obra e ensinamentos de Jesus Cristo, preservados e transmitidos pela tradição oral da Igreja primitiva, quer de Jerusalém, quer de Antioquia. Naquilo que é propriamente dele, Paulo partiu das Escrituras do Antigo Testamento e de revelações diretas dadas pelo Senhor.

**7. O centro da sua mensagem** – Conforme já dissemos em aula anterior, adotaremos a tese de que o *mitte* do pensamento de Paulo pode ser sintetizado como a proclamação e explicação do tempo escatológico de salvação inaugurado com o advento de Cristo, sua morte e ressurreição. É desta perspectiva e sob esse denominador que todos os temas diferentes e isolados da pregação de Paulo podem ser penetrados e entendidos em sua unidade e em sua relação mútua.

**8. “Nova Perspectiva”** – Podemos aceitar algumas das contribuições da "nova perspectiva" sobre Paulo, entre elas, um melhor entendimento de passagens como Romanos 7, da luta de Paulo para trazer os convertidos gentios para dentro da Igreja e a própria doutrina da justificação pela fé. Por outro lado, a "nova perspectiva" sobre Paulo é uma “velha perspectiva” sobre as Escrituras. Acaba por assumir para com o NT o mesmo ceticismo histórico que tem marcado os estudos críticos modernos. Ou seja, os escritos neotestamentário devem ser tratados como qualquer outro livro de religião, e seus escritores como demais humanos. Admite-se a priori que poderiam ter cometido erros históricos, passado informações falsas e caído em freqüentes contradições. Nem todos os que aceitam algumas das idéias da “nova perspectiva” são necessariamente liberais em sua maneira de tratar as Escrituras. Ao fim, porém, temos de escolher entre o quadro que elas nos dão do Judaísmo e dos fariseus do século I e daquele reconstruído por Sanders e demais estudiosos que o seguem.

# ● AULA 5: ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS -- PLENITUDE DOS TEMPOS

## Introdução

Nesta aula, bem, como nas próximas três aulas, estaremos tratando das *estruturas fundamentais da teologia de Paulo*. Por "estruturas fundamentais" queremos nos referir ao que era básico, dominante e controlador na pregação do apóstolo, seu ponto de partida, que determina tudo o mais que ele escreveu e pregou. Nosso alvo é entender o pensamento mais fundamental e básico de Paulo, que influenciou toda a sua obra. Conforme já havíamos mencionado, entendemos que é o conceito escatológico de *história da salvação*.

Estarei usando como base para estas aulas o livro de **Herman Ridderbos, *Paul: An Outline of His Theology*** (Paulo: Um esboço de sua Teologia), que apesar do título modesto, é uma obra monumental sobre o pensamento do apóstolo. Ridderbos (nasceu em 1900) foi um estudioso reformado holandês, que por muitos anos ocupou a cadeira de professor titular de Novo Testamento na Universidade Teológica de Kampen (onde tive o privilégio de estudar com seu professor substituto). Seu livro sobre Paulo é considerado por muitos reformados como a obra mais importante na área.

## 1. A Plenitude dos Tempos

Conforme vimos nas aulas anteriores, as investigações passadas sobre o *centro* da pregação de Paulo acabaram por ser reducionistas, e perderam de vista a amplitude de sua mensagem. O motivo foi que se concentraram em um único aspecto da soteriologia de Paulo, quer a justificação pela fé (Lutero), quer a vitória do Espírito sobre a carne (liberais). Mas, há algo que antecede e transcende esses aspectos, que é o *ponto de partida escatológico ou histórico-redentivo* da pregação do apóstolo.

O conteúdo da pregação de Paulo pode ser sintetizado como "a proclamação e explicação do tempo escatológico de salvação inaugurado com o advento de Cristo, sua morte e ressurreição". É desta perspectiva e sob esse denominador que todos os temas diferentes e isolados da pregação de Paulo podem ser penetrados e entendidos em sua unidade e em sua relação mútua.

Veremos em seguida os conceitos que formam a estrutura fundamental do pensamento de Paulo.

### a. O conceito de "plenitude do tempo"

**Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei (Gl 4.4).**

**... desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra (Ef 1.9-10).**

Paulo usa a expressão "plenitude do tempo" duas vezes em suas cartas. A "plenitude do tempo", no seu pensamento, não é o amadurecimento do tempo ou seu ponto climático, como popularmente se pensa, mas o cumprimento ou término do tempo em seu sentido absoluto. O tempo do mundo chegou ao seu fim com o advento de Cristo. Não que o mundo deixa de existir, mas que o mundo, como o conjunto de valores humanos da humanidade em rebelião contra Deus, entrou em seu último estágio, na etapa final da história. Ou seja, o momento decisivo e final da história humana já começou:

- Gálatas 4.4, *pleroma tou chronou*, "plenitude do tempo" expressa o cumprimento do tempo como tempo do mundo, tempo cronológico que pode ser medido por um relógio.

- Efésios 1.10, *pleroma tōn kairōn*, "plenitude dos tempos", expressa o cumprimento de todas as intervenções histórico-redentivas de Deus anteriores, no decorrer do tempo do mundo. A vinda de Cristo foi a última intervenção salvadora de Deus na história (a segunda vinda é o desdobramento final desta última intervenção).

Embora Paulo reconheça o caráter ainda futuro do "fim dos tempos", fala dele como tendo já sido acontecido ou inaugurado:

- Sabe, porém, isto: nos *últimos dias*, sobrevirão tempos difíceis [Paulo não se referia a dias ainda por vir, mas à sua própria época] (2 Tm 3.1).
- Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem *os fins dos séculos* têm chegado (1 Co 10.11).

Mas, o alvorecer da última hora para Paulo (cf. 1 João 2.18) é entendido, não somente como o julgamento definitivo deste mundo, mas como o raiar do grande dia da salvação, prometido pelos antigos profetas de Israel. Vejamos em seguida este outro conceito fundamental, que é o "dia da salvação".

## **b. O dia da salvação**

**... porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação (2 Co 6.2)**

Por "tempo sobremodo oportuno" e "dia da salvação" Paulo não se refere primariamente à oportunidade de conversão apresentada ao ouvinte (embora isto possa ser inferido), mas ao longamente esperado dia de Deus, a hora decisiva para a salvação da humanidade, o dia da salvação no seu sentido escatológico de consumação. Este "dia da salvação" refere-se aos eventos históricos da encarnação, morte, ressurreição, glorificação de Cristo e a vinda do Espírito, considerados por Paulo como os últimos e decisivos eventos dentro da série de intervenções salvíficas de Deus na história da humanidade, que constituem a história da salvação.

Notemos que Paulo, no versículo acima, diz que o "dia da salvação" chegou *agora*. Este *agora*, chamado de "*agora* escatológico" pelos estudiosos de Paulo, é usado pelo apóstolo para indicar a erupção na história do dia da salvação, da plenitude do tempo. O *agora* é o futuro já iniciado no tempo presente, o que alguns estudiosos têm chamado de "escatologia realizada". Note este uso do *agora* nos versículos seguintes:

- Romanos 3:21 -- Mas *agora*, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas;
- Romanos 7.6 -- *Agora*, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.
- Romanos 8:1 -- *Agora*, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.
- Romanos 7:6 -- *Agora*, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.
- Romanos 13:11 -- E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, *agora*, mais perto do que quando no princípio cremos.
- Efésios 3:5 -- o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, *agora*, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito,
- Efésios 3:10 -- para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, *agora*, dos principados e potestades nos lugares celestiais,
- Colossenses 1:26 -- o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; *agora*, todavia, se manifestou aos seus santos;

- 2 Timóteo 1:10 -- e manifestada, *agora*, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho.

### c. Nova criação

**E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas (2 Co 5.17)**

A expressão "nova criatura" é a tradução do grego *kaine ktisis*, que também pode ser traduzido como "nova criação". Com o termo, Paulo não se refere somente ao aspecto individual (nova criatura), mas à *recriação* do mundo que Deus fez amanhecer em Cristo, e ao qual todos os que pertencem a Cristo estão incluídos.

“As coisas velhas” e “o novo” devem ser entendidos, similarmente, de forma escatológica. Paulo está fazendo um contraste entre dois mundos e não entre dois estágios da vida do cristão individualmente. O “velho” refere-se ao mundo não redimido em seu pecado e aflição e o “novo” ao tempo da salvação que raiou na ressurreição de Cristo. Portanto, quem está em Cristo participa da nova criação, ao novo mundo de Deus.

Nas passagens abaixo podemos encontrar reflexos deste conceito de Paulo, referindo-se à *nova humanidade*, recriada por Deus conforme à sua imagem, em Jesus Cristo:

- Pois somos feita de dele, *criados em Cristo Jesus para boas obras*, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.10);
- ... aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, *para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem*, fazendo a paz (Ef 2.15);
- e vos revistais do novo homem, *criado segundo Deus*, em justiça e retidão procedentes da verdade (Ef 4.24);
- e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, *segundo a imagem daquele que o criou* (Cl 3:10).

Muito embora estas passagens tenham implicações individuais e possam ser usadas em referência ao antes e depois da conversão, o seu ponto central é a recriação em Cristo da humanidade caída, mediante a fé. Ou seja, o contraste velho-novo é *escatológico*, entre dois tempos da história, separados pela entre si pela vinda de Cristo ao mundo. Este conceito faz parte das estruturas fundamentais da pregação de Paulo.

**Resumindo** esta primeira parte, podemos dizer que o conceito da *plenitude do tempo* é fundamental na pregação de Paulo, e expressa-se em suas cartas pelos conceitos correlatos da chegada do "dia da salvação", do "agora" escatológico e da recriação da humanidade em Cristo.

## A Revelação do Mistério

O caráter escatológico, histórico-redentivo dos eventos históricos associados com a pessoa de Cristo, bem como da proclamação deles por Paulo, percebe-se também pelas referências que o apóstolo faz a eles como sendo “a revelação do mistério”, “fazer conhecido” aquilo que “foi mantido em segredo” ou “oculto”. Em outras palavras, Paulo vê a vinda do Senhor Jesus ao mundo como o desvendamento de um segredo que havia sido guardado por Deus anteriormente.

Leia as seguintes passagens:

- Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme *a revelação do mistério* guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, *se tornou manifesto e foi dado a conhecer* por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações (Rm 16.25-26);
- ... *o mistério que estivera oculto* dos séculos e das gerações; agora, *se manifestou* aos seus santos (Cl 1.26);

- ... para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente *o mistério de Deus*, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão *ocultos* (Cl 2.2-3);
- ... *desvendando-nos o mistério da sua vontade*, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra; (Ef 1.9-10);
- ... pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento *do mistério de Cristo*, o qual, em outras gerações, *não foi dado a conhecer* aos filhos dos homens, como, agora, *foi revelado* aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito (Ef 3.4-5);
- ... pois, segundo *uma revelação*, me foi dado *conhecer o mistério*, conforme escrevi há pouco, resumidamente (Ef 3.3);
- .. mas falamos a sabedoria de Deus *em mistério, outrora oculta*, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória (1 Co 2.7);
- ... que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, *antes dos tempos eternos* (2 Tm 1.9);
- ...na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu *antes dos tempos eternos* e, em tempos devidos, *manifestou a sua palavra* mediante a pregação que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador (Tito 1.2-3).

É claro da leitura destas passagens (aproveite para lê-las em contexto, após ler a aula) que para Paulo, o Evangelho era um *mistério* que Deus havia mantido oculto desde os tempos eternos (=eternidade), mas agora havia chegado o tempo de sua *revelação*, mediante a manifestação de Cristo ao mundo (encarnação, morte, ressurreição) e mediante a pregação apostólica.

É importante observar, mais uma vez, que o conceito de “mistério” em Paulo não tem como *background* o conceito helenista das religiões de mistério, mas o pensamento judaico, moldado pelas Escrituras. Podemos apontar pelo menos dois motivos no Antigo Testamento que servem de base para o conceito paulino:

**1. O conselho secreto de Deus quanto à sua obra redentora na história.** É aquilo que ainda não apareceu na história, mas que já existe no conselho secreto de Deus:

- O *conselho do SENHOR* dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações (Sl 33.11);
- Porque quem esteve no *conselho do SENHOR*, e viu, e ouviu a sua palavra? Quem esteve atento à sua palavra e a ela atendeu? (Jr 23:18);
- Portanto, ouvi o *conselho do SENHOR* que ele decretou contra Edom e *os desígnios que ele formou* contra os moradores de Temã; certamente, até os menores do rebanho serão arrastados, e as suas moradas, espantadas por causa deles (Jr 49.20);
- Portanto, *ouvi o conselho do SENHOR*, que ele decretou contra Babilônia, e *os desígnios que ele formou* contra a terra dos caldeus; certamente, até os menores do rebanho serão arrastados, e as suas moradas, espantadas por causa deles. (Jr 50.45);
- Ou ouviste o *secreto conselho de Deus* e a ti só limitaste a sabedoria? (Jó 15.8);
- Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro *revelar o seu segredo* aos seus servos, os profetas. (Am 3.7).

**2. O conceito de que Deus revela os mistérios concernentes aos seus planos para a história --** Os estudiosos têm destacado que Paulo percebe seu ministério em termos do padrão *raz-pesher* ("mistério-revelação", em aramaico) encontrado em Daniel:

- Então, *foi revelado o mistério* a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o Deus do céu (Dn 2.19);
- Respondeu Daniel na presença do rei e disse: *O mistério* que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem *revelar* ao rei (Dn 2.27);
- E a mim me *foi revelado este mistério*, não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses as cogitações da tua mente (Dn 2.30);
- Disse o rei a Daniel: Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o *revelador de mistérios, pois pudeste revelar este mistério* (Dn 2.47).

A “revelação” do mistério de Cristo, portanto, é o próprio aparecimento na história desse conselho divino mantido em segredo por Deus. Esse é o tema da pregação de Paulo e o ministério que ele recebeu: o mistério de Cristo e a revelação do mesmo aos seus santos. O mistério de Cristo, guardado no secreto conselho do Senhor, foi revelado “agora”. Aqueles eram dias de cumprimento, o fim da longa espera, a última intervenção de Deus na história, conforme seus desígnios e promessas. Compare com estas palavras de Paulo:

- ... da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, *para dar pleno cumprimento à palavra de Deus: o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos* (Cl 1.25-26);
- ... se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros; *pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito* (Ef 3.2-5).

Paulo, Jesus e a Igreja Primitiva Esse caráter geral da pregação de Paulo está em perfeita harmonia com a pregação de Jesus sobre a vinda do Reino de Deus. O apóstolo não "inventou" este conceito escatológico, histórico-redentivo. Ele tem seu fundamento na própria pregação do Senhor Jesus. Ele anunciou *a chegada da plenitude dos tempos*, dizendo: "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho (Mc 1.15). E ele próprio mencionou que o Reino era a *revelação do mistério*, "... a vós outros é *dado conhecer os mistérios do reino dos céus*, mas àqueles não lhes é isso concedido... Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não ouviram (Mt 13.11,16-17).

Embora formalmente a pregação de Paulo e a de Jesus são distintas (quanto às palavras empregadas, ao método, tipo de ensino e figuras empregadas), e a de Paulo ocorre num estágio mais avançado do que o de Jesus em sua encarnação, o conceito da vinda do reino é o princípio dinâmico maior da pregação de Paulo, muito embora ele não empregue o termo “reino dos céus”. Existe, portanto, uma unidade básica do kerygma de Jesus e Paulo.

O mesmo pode ser dito da pregação da Igreja de Jerusalém e dos demais apóstolos. O apóstolo Pedro, no dia de Pentecostes anunciou a chegada dos *últimos dias*, "E acontecerá *nos últimos dias*, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; (At 2.17). O apóstolo João está consciente de que *a última hora* já começou: "Filhinhos, *já é a última hora*; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; *pelo que conhecemos que é a última hora* (1 Jo 2.18).

Portanto, percebemos que o conceito fundamental de que a plenitude dos tempos havia chegado subjaz não somente a pregação de Paulo, mas, tendo origem na pregação de Jesus Cristo, permeia todo o ensino do Novo Testamento. Paulo, entretanto, mais que os outros, desdobra o *kerygma* em riqueza de aspectos e detalhes, com uma profundidade de pensamento sem igual.



## **Conclusão**

Muito embora a pregação de Paulo seja rica e variada, espalhada pelas 13 cartas que escreveu, percebe-se que há uma sub-estrutura fundamental que subjaz seus ensinamentos, que é o conceito da história da salvação. Paulo pensa escatologicamente, isto é, entendendo a obra de Cristo como sendo o *cumprimento* das promessas antigas feitas por Deus através dos profetas de Israel. Assim, já podemos perceber que a maneira mais adequada para lermos as cartas de Paulo é partindo destas premissas mencionadas acima. Tenho certeza que textos antigos serão lidos à uma nova luz e adquirirão um sentido mais rico e completo do que antes, quando líamos Paulo sem nos apercebermos das estruturas fundamentais de sua pregação.

# ● AULA 6: ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS -- ESCATOLOGIA E CRISTOLOGIA

## Introdução

Nesta lição continuaremos a ver as *estruturas fundamentais da pregação de Paulo*. Prosseguindo nosso estudo, destaquemos que, segundo as suas cartas, o caráter escatológico da sua pregação é determinado inteiramente pelo advento e revelação de Jesus Cristo. Em outras palavras, sua escatologia é *cristológica*. A abordagem do apóstolo e a sua compreensão da história procedem da sua fé em Cristo. Assim, as estruturas fundamentais da sua pregação devem ser abordadas somente a partir de sua Cristologia. Há uma interdependência vital entre escatologia e cristologia nos seus escritos.

## 1. O caráter cristológico da escatologia de Paulo

A pregação de Paulo é controlada por sua compreensão de que Deus cumpriu na história as suas antigas promessas feitas através dos profetas de Israel. A história, assim, chegou ao seu fim. Os últimos dias já raiaram. Os eventos decisivos que trouxeram a realização deste momento histórico climático são aqueles relacionados com a vida e obra de Jesus Cristo. Sua encarnação, morte, ressurreição e exaltação inauguram a etapa final da série de eventos histórico-redentivos da intervenção de Deus no mundo.

Este conceito está patente em várias passagens das cartas de Paulo, algumas das quais já mencionadas em aulas anteriores:

- *A vinda de Cristo traz a plenitude dos tempos* — "vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos" (Gl 4.4-5);
- *A revelação do mistério é a manifestação e o advento de Cristo* — "pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito" (Ef 3.4-5; ver também 2 Tm 1.9-10);
- *O mistério revelado pode ser resumido numa palavra: Cristo* — ".para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2.3-4).

Assim, podemos dizer com segurança que o evangelho que Paulo prega é o evangelho da inauguração da hora da salvação, que ele chama de "o evangelho de Cristo" (Rm 15.19; 1 Co 9.12; 2 Co 2.12).

## 2. O caráter escatológico de sua cristologia

Semelhantemente, podemos dizer que a cristologia de Paulo gira em torno dos fatos escatológico-redentivos acontecidos em Cristo. Essa é a base de sua pregação. A realidade histórica dos eventos cristológicos (encarnação, morte e ressurreição de Cristo) formam o fundamento do seu kerygma (1 Co 15.1-4, 14,19). O caráter escatológico da cristologia de Paulo nos permite ver como o pensamento e a pregação do apóstolo estão organicamente unidos à revelação do Antigo Testamento. Para Paulo, o que aconteceu com Cristo representa o cumprimento e o término da série grandiosa de eventos redentivos ocorridos na história de Israel e que se encontram registrados nas Escrituras do Antigo Testamento. Esta série de eventos cristológicos é também o pressuposto da continuação e da consumação da história do mundo.

Esta constatação nos permite analisar e rejeitar a sugestão do conhecido estudioso liberal alemão Rudolf Bultmann, de que a escatologia de Paulo é determinada inteiramente pela sua antropologia (doutrina do homem) e que o apóstolo havia perdido de vista a história de Israel e do mundo. Contrário à Bultmann, afirmamos que a escatologia de Paulo é controlada pelo conceito de Deus como Criador dos céus e da terra, que conduz todas as coisas à sua consumação final de acordo com a revelação profética do Antigo Testamento. É evidente das cartas de Paulo que o apóstolo entendia

que Deus, em Cristo, havia trazido todas as coisas à sua consumação final. Verifiquemos as evidências abaixo:

1. Paulo proclama a Cristo como cumprimento das promessas de Deus feitas a Abraão, a *semente* na qual seriam benditas todas as famílias da terra (leia Gl 3.8,16,29);
2. Paulo refere-se a Cristo como a "revelação do mistério". O passado é visto, não somente como um tempo de trevas e ignorância, mas de preparação para sua vinda. A graça, *agora*, tem sido revelada (leia 2 Tm 1.9; Tt 1.2-3);
3. A vinda de Cristo e seu significado são entendidos à luz das Escrituras proféticas (Rm 16.26). Um dos temas mais importantes da pregação de Paulo é que seu evangelho é de acordo com as Escrituras. Para ele, a vinda de Cristo não somente foi *de acordo* com as Escrituras, mas representa *o próprio cumprimento* delas (leia Rm 1.17; 3.28; veja ainda Rm 4, onde Paulo usa a história de Abraão como demonstração da doutrina da justificação pela fé; Gl 3.6ss; 4.21ss; 1 Co 10:1ss; Rm 15.4; 1 Co 9.10; 2 Tm 3.16).

### 3. Comparação da escatologia de Paulo com o Judaísmo e os Essênios

Já vimos que a pregação de Paulo é melhor entendida a partir de sua escatologia. Alguns estudiosos liberais que têm percebido este fato sugerem que Paulo simplesmente tomou as expectativas escatológicas do Judaísmo, particularmente aquelas defendidas na literatura apocalíptica e dos Essênios, e as adaptou, aplicando-as a Cristo. Por um lado, não se pode deixar de perceber que a escatologia de Paulo é claramente baseada nas Escrituras do Judaísmo, que era a mesma Escritura dos Essênios e da literatura apocalíptica. Mas, apesar de utilizar termos tradicionais e comuns do Judaísmo, a escatologia de Paulo é essencialmente distinta das expectativas escatológicas do Judaísmo e dos Essênios em um aspecto central, que é a *tensão entre o aspecto realizado e o ainda-por-realizar da obra redentora de Deus em Cristo*.

Tanto o Judaísmo quanto a comunidade do Mar Morto (Essênios) concebiam a história em termos do mundo presente e do mundo por vir, separados linear e radicalmente um do outro pela chegada ainda futura do Messias. Para Paulo (na verdade, para o Senhor Jesus e para os escritores do Novo Testamento), o mundo *futuro* – isto é, a nova era e a nova criação – já raiou com a vinda de Cristo, o Messias; a igreja, entretanto, ainda vive no mundo *presente* e no tempo correspondente a ele, que são "os tempos do fim". Os dois mundos e as duas eras, ou ainda, os dois tempos, se sobrepõem, coexistindo lado a lado, até o momento da consumação.

Os Dois Mundos Esta característica da teologia de Paulo pode ser percebida nas passagens onde ele utiliza diferentes termos para se referir ao "tempo presente", como o momento da história em que o mundo vindouro já penetrou: o "tempo presente" é marcado por sofrimentos (Rm 8.18); é o "tempo de hoje" quando Deus reúne seus eleitos (Rm 11.5), "este século", com o qual os cristãos não devem se conformar (Rm 12.2), o "presente século" já debaixo do senhorio de Cristo (Ef 1.21), mas ainda esse "mundo perverso" (Gl 1.4), no qual já vivemos "os fins dos séculos" (1 Co 10.11); são "os últimos tempos" marcados pela apostasia causada pela influência demoníaca (1 Tm 4.1), os difíceis "últimos dias" nos quais a depravação humana é mais e mais evidente (2 Tm 3.1).

Antes e Agora Esse contraste entre os dois mundos, ausente na apocalíptica e nos Essênios, às vezes é expresso nas cartas de Paulo em termos de um contraste entre o "antes" (a vida não redimida antes do raiar do tempo da redenção, Ef 2.2,12) e o "agora" (tempo da redenção, da nova criação e de cumprimento, confira 2 Co 6.2; Ef 2.13; Rm 3.21; 2 Co 5.16; cf. 1 Pd 2.10).

Em resumo, podemos dizer que na escatologia de Paulo, o presente e o futuro se sobrepõem: a vinda de Cristo representa a penetração da era futura na era presente. O diagrama abaixo, baseado naquele elaborado por G. Vos e usado por G. Ladd e outros, nos ajudará a visualizar melhor a escatologia de Paulo em sua distinção à apocalíptica e aos essênios. (Veja o quadro no final deste texto).

É importante observar que Paulo não nos dá em seus escritos uma explicação estruturada para o esquema escatológico dos dois mundos representado acima. Precisamos insistir que esse esquema faz parte de nossa tarefa de tentar entender e sintetizar o pensamento do apóstolo. Como já

hávamos mencionado antes, Paulo não era um "teólogo" que pensava sistematicamente em termos dos dois *aeons* (mundos). É melhor entendê-lo como um pregador do Cristo que veio e que ainda virá. Essa é a razão pela qual ele pode falar em termos do presente e em seguida do futuro, sem preocupar-se com a dificuldade que sua pregação, a princípio, possa causar. É a revelação de Jesus Cristo como o Messias prometido por Deus a Israel que determina e cria sua consciência histórica e escatológica – e não o contrário.

Talvez o ponto seguinte illustre mais claramente esta relação entre cristologia e escatologia nos escritos de Paulo, que é o conceito de Cristo como o "primogênito de entre os mortos" e o "último Adão".

#### **4. O Primogênito de Entre os Mortos.**

Para Paulo, o "novo" de Deus tem sua inauguração, não em um ponto específico da vida e obra de Cristo, mas no envio de Deus de seu Filho, nascido sob a lei, nascido de mulher (Gl 4.4; 1 Tm 3.16). Entretanto, o evangelho pregado por Paulo tem seu ponto de partida e centro na morte e na ressurreição de Cristo. Partindo desses eventos, Paulo olha retrospectivamente para a encarnação e pré-existência de Cristo e prospectivamente para sua exaltação e sua vinda. Sua compreensão plena dos atos redentores de Deus na história parte do evento central da morte-ressurreição de Jesus Cristo. Esse evento lança luz e esclarece a história antes e depois de Cristo. Leia 1 Co 15.3-4. Aqui Paulo declara que as antigas promessas redentivas de Deus nas Escrituras encontram seu cumprimento na morte e ressurreição de Cristo.

É de grande importância notar a centralidade da morte e da ressurreição de Cristo no pensamento de Paulo. Esses dois eventos formam uma unidade inseparável e se interpretam mutuamente: a morte de Cristo é interpretada à luz de sua ressurreição e sua ressurreição à luz de sua morte.

#### **A Ressurreição de Cristo**

Reflitamos um pouco mais sobre a pregação de Paulo quanto à ressurreição de Cristo. Alguns aspectos fundamentais podem ser destacados.

1. A ressurreição de Cristo, como Paulo a entende, significa a erupção da nova era no sentido real e histórico-redentivo do termo, e não somente no sentido ético (pensamento liberal), existencial (Bultmann) e forênsico (alguns reformados).
2. Também é preciso destacar que a importância que Paulo dá à ressurreição de Cristo não é somente resultado de profunda reflexão posterior que fez, mas acima de tudo, de *revelação divina*.
3. Jesus é o Cristo, e portanto, a sua ressurreição é *diferente* daquelas ressurreições anteriores, que foram eventos isolados. A ressurreição de Cristo representa o amanhecer do prometido tempo da salvação e da nova criação, a transição decisiva do velho para o novo mundo (2 Co 5.17; cf. v. 15).

#### **Primogênito, Primícias e Princípio**

É à luz dos pontos acima que Paulo chama Jesus de o *Primogênito* (Rm 8.29), *as Primícias* (1 Co 15.20) e o *Princípio* (Cl 1.18).

1. Como *primogênito*, Cristo não somente ocupa uma posição de honra e dignidade entre seus irmãos, mas vai adiante deles, abrindo-lhes o caminho, unindo seu futuro ao deles, cf. Rm 8.29; Cl 1.18.
2. Como *princípio* Cristo é o pioneiro, o inaugurador que desbravou o caminho. Nele, a Grande e final ressurreição já teve início e tornou-se realidade. Esse sentido é bastante similar ao de *primogênito*: em Cristo, o mundo ressurecto amanhece na realidade presente; Cristo traz à luz a vida e a imortalidade (2 Tm 1.10).

3. Esse conceito está presente também no termo *as primícias dos que dormem*, embora levemente diferente. Como primícia, Cristo não somente é o primeiro da ressurreição mas representa *toda* a ressurreição (como as primícias de uma colheita).

### **5. O último Adão** (Sugiro que leia Romanos 5.12-21 antes de prosseguir)

Por último, consideremos as expressões "o último Adão" e o "segundo homem" que Paulo aplica ao Cristo ressurrecto (1 Co 15.45ss). Nesta passagem o apóstolo faz um contraste entre Cristo e Adão. Ali Cristo é chamado de "o último Adão" e o "segundo homem". Essas expressões são típicas do caráter escatológico do pensamento de Paulo. Como "último Adão", Cristo é o inaugurador da nova humanidade. Foi pela ressurreição que ele se tornou o "último Adão" e o "segundo homem" (1 Co 15.21,22; 45ss).

Em Romanos 5 Paulo mostra que Adão e Cristo se contrapõem como os dois representantes das duas eras, a porta de entrada de dois mundos distintos, o da morte e o da vida. Como representante uma dispensação e uma humanidade inteiras, Adão serve como "tipo daquele que haveria de vir" (Rm 5.14), ou seja, do segundo homem e da era representada por ele. Assim como o proto-pai trouxe pecado e morte ao mundo, assim Cristo, por sua obediência (isto é, por sua morte) e sua ressurreição trouxe vida para a nova humanidade.

### **Conclusão**

Podemos dizer, em resumo, que a pregação de Paulo de que o grandioso tempo da salvação amanheceu em Cristo é determinado acima de tudo pela morte e ressurreição de Cristo. É nesses fatos que a era presente começa a perder seu poder e domínio sobre os filhos de Adão e que o novo começa a impor-se. Todas as demais dimensões do pensamento de Paulo espalham-se a partir desse foco central e retornam a ele para reflexão constante. É daqui que Paulo parte e é para cá que ele sempre retorna. A unidade de sua teologia pode ser encontrada aqui, na sua *escatologia*: a consumação da obra redentora de Deus em Cristo.

Ler Paulo a partir desta perspectiva pode se tornar uma experiência libertadora e refrescante para nós.

# ● AULA 7: ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS -- EM CRISTO, COM CRISTO

## Introdução

Continuamos a estudar as *estruturas fundamentais* da pregação de Paulo. Nesta aula abordaremos mais quatro aspectos destas estruturas, que são:

1. Estar em Cristo
2. O velho homem e o novo
3. Carne e Espírito
4. Cristo o Filho de Deus

## Em Cristo, com Cristo

### 1. Por Nós

Começamos com uma pergunta: de acordo com Paulo, *como* aquilo que ocorreu de uma vez por todas com Cristo se estende aos seus (sua Igreja). Através de qual princípio o que aconteceu com Cristo e foi realizado nele aplica-se e beneficia os que são seus? Paulo freqüentemente diz que o que Cristo fez foi *por nós*:

- Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado *por nós*; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus (2 Co 5.21).
- Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição *em nosso lugar* (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro) (Gl 3.13).
- ... o qual se entregou a si mesmo *pelos nossos pecados*, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai (Gl 1.4).
- Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido *por nós*, sendo nós ainda pecadores (Rm 5.8).

(cf. ainda 1 Co 1.13; 1 Tm 2.6; 1 Co 15.3). Por detrás dos diferentes termos empregados por Paulo, como "em nosso lugar", "por nós", "pelos nossos pecados", etc., estão conceitos oriundos do Antigo Testamento: sacrifício, resgate e expiação. O conceito de "por nós", referindo-se à obra de Cristo, reflete a continuidade que Paulo vê entre a obra de Cristo na cruz e o sistema sacrificial do Antigo Testamento.

### 2. Em Cristo, Nele

À essa fórmula *por nós* Paulo constantemente adiciona outras, *em Cristo, nele*. Veja, por exemplo:

E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas (2 Co 5.17).

O objetivo do apóstolo é demonstrar que Cristo está em tão estreita união com aqueles por quem ele se manifestou, que os mesmos estão *nele*. Ele também emprega a fórmula *com Cristo* ou *com ele*, naquelas expressões típicas de sua pregação, como morrer e ressuscitar com Cristo, estar crucificado com ele, etc. Confira: Rm 6.3ss; Gl 2.19; Cl 2.12,13,20; 3.1,3; Ef 2.6; Cl 3.4.

Essas fórmulas foram entendidas pelas escolas liberais e existenciais como sendo uma referência de Paulo à experiência pessoal e religiosa dos cristãos. Paulo foi interpretado em termos do misticismo de sua época e em termos de seu conceito do Espírito. Essas escolas ainda foram buscar a origem dessas fórmulas nas religiões de mistério, onde se fala de ser absorvido pela divindade ou mesmo de uma unificação física com a mesma, que para Paulo acontecia através do batismo e da ceia. Ou seja, Paulo teria desenvolvido o conceito de "estar em Cristo" utilizando-se das categorias místicas das religiões de mistério.

Entretanto, é evidente que essas interpretações estão no caminho errado. *Estar em Cristo*, na pregação de Paulo, é um *estado contínuo*, um *modo de existência*, e não um evento que acontece

quando alguém é batizado ou toma o pão e o vinho. Não é uma comunhão que se torna realidade durante esses eventos, mas uma realidade permanente e determinativa para todos os aspectos da vida cristã (leia atentamente Cl 2.20--3.4). Não se trata de *experiências* mas do estado objetivo de salvação no qual a Igreja se encontra. O batismo e a ceia são selos, símbolos, sinais dessa realidade. Além disso, para Paulo, estar morto, crucificado, ressurrecto e assentado nas religiões celestiais com Cristo, tem sua origem não nas cerimônias de incorporação, que é o batismo, mas no já termos sido incluídos na morte e na ressurreição históricas do próprio Cristo. Ver 2 Co 5.14-17.

## O velho homem e o novo

Abordemos mais um aspecto das estruturas fundamentais da pregação de Paulo, que é o conceito de *velho* e *novo*. O paralelo entre Cristo e Adão, característico da pregação de Paulo, e que já abordamos em aulas anteriores, tem ainda uma outra dimensão, bem próxima da que acabamos de discutir, que é a relação entre *o velho homem e o novo*. Note estas passagens: (veja ainda Gl 5.24).

- ... sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso *velho homem*, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; (Rm 6.6)
- Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do *corpo da carne*, que é a circuncisão de Cristo, (Cl 2.11).
- ... no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do *velho homem*, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do *novo homem*, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.(Ef 4:22-24).
- Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do *velho homem* com os seus feitos e vos revestistes do *novo homem* que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (Cl 3.9-10).

Freqüentemente o velho homem e o novo são interpretados pelos leitores de Paulo em termos da *ordo salutis* (ordem da salvação) como o tempo antes e depois da conversão. Mais freqüentemente ainda, os termos são entendidos em termos individuais, como referindo-se à luta e à conquista do poder do pecado em nossa personalidade. Entretanto, dentro das estruturas fundamentais do pensamento de Paulo, os termos *devem ser entendidos da perspectiva escatológica da pregação do apóstolo*. Ou seja, eles não descrevem a mudança que acontece mediante a fé na vida do crente individual, mas aquilo que já ocorreu uma vez por todas em Cristo, no que seu povo participou inclusivamente, no sentido corporativo já descrito acima (“em Cristo”, etc.).

O contraste entre "velho" e "novo" em Paulo é *escatológico* e não existencial ou psicológico. É o que aconteceu objetivamente com o *velho homem*. Porque o *velho homem* foi condenado e colocado à morte no Gólgota, agora o corpo do pecado, a carne, o velho modo de existência perdeu seu domínio e controle sobre todos que estão em Cristo. O *novo homem* é o novo modo de existência inaugurado em Cristo Jesus.

As passagens onde os crentes são exortados a crucificar a carne e o velho homem, bem como a revestir-se do novo, são imperativos éticos apoiados na realidade desses fatos já acontecidos. Examine Efésios 4.22ss; Cl 3.9ss; Gl 5.24. Nestas passagens, o imperativo de Paulo para que vivam a vida cristã é totalmente enraizado no fato já realizado da crucificação do velho homem e o revestimento do novo.

Em conclusão podemos observar que a união corporativa dos crentes com Cristo domina de tal modo, no pensamento de Paulo, o conceito de novo homem, que os próprios crentes em sua totalidade podem ser chamados de *um novo homem*, Ef 2.15; Gl 3.28; cf. Ef 4.13.

## Revelado na Carne. Carne e Espírito

O próximo aspecto das estruturas fundamentais é a antítese *carne-espírito*, a qual, conforme já vimos anteriormente, tem sido apontada pelos estudiosos como central no pensamento de Paulo. Começaremos com o conceito paulino da manifestação de Cristo *na carne*.

## 1. Manifestado na Carne

Para o apóstolo, a morte e a ressurreição de Cristo são os eventos cruciais de sua existência e determinam seu pensamento e pregação. Resta-nos perguntar qual o lugar, no pensamento de Paulo, para a vida de Jesus na terra, antes de tais eventos. Conforme já havíamos observado, para muitos estudiosos liberais Paulo não se interessa no Jesus histórico e terreno, mas sim no Cristo cósmico, no Senhor exaltado e ressurreto, o que acabou levando-o a criar uma outra religião, diferente daquela de Jesus.

As tentativas de separar o pensamento de Paulo da vida e da pregação do Jesus terreno são exageradas. É verdade que Paulo faz poucas menções dessas coisas em suas cartas, mas existe uma explicação perfeitamente plausível para o fato. Os seguintes pontos devem ser observados:

1. As cartas de Paulo fundamentam-se nas pregações que ele havia feito nas igrejas, nas quais transmitiu as tradições apostólicas sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Frequentemente o apóstolo faz menção das coisas que havia ensinado e que espera que as igrejas lembrem, cf. 1 Co 15.1-2; Gl 1.11; 2 Ts 2.5; 3.10. Somente em algumas ocasiões ele repete essas tradições, quando julga conveniente, ver 1 Co 11.23ss; 15.2ss.
2. Ele apela de forma incidental a pronunciamentos específicos feitos por Jesus, cf. 1 Co 7.10,25; 9.14; 1 Ts 4.15, o que sugere que o ensino do Senhor é o ponto de partida de suas instruções para as igrejas. Um exame mais detalhado revelará que as cartas de Paulo contêm diversas reminiscências, conscientes ou não, dos ensinamentos de Jesus, Rm 12.14; 13.9; Gl 5.14; 1 Co 13.2.

É importante observar que Paulo aborda a vida terrena de Jesus, não tanto da perspectiva de suas palavras e milagres, mas da perspectiva mais ampla da história da redenção. Assim, a expressão preferida de Paulo para se referir a esse período da vida de Jesus é *segundo a carne*, ou *na carne*. Considere estas passagens:

- ... com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi (Rm 1:3).
- Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho *em semelhança de carne pecaminosa* e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado (Rm 8:3).
- ... deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, *segundo a carne*, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém! (Rm 9:5).
- Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado *na carne* foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória. (1 Tm 3.16).

Veja ainda cf. 2 Co 5.16; Ef 2.14-15; Cl 1.22.

Quando Paulo diz que Cristo revelou-se na carne, ele se refere, não ao corpo físico humano de Jesus, nem à pecaminosidade da natureza humana, mas à fraqueza e à transitoriedade da sua condição, como encarnado, em contraste com o fato de que ele é o Filho de Deus, o Messias de Israel. Foi nessa condição que Cristo se revelou. Ele é o Filho de Deus *revelado na carne*. Foi na carne que ele trouxe ao fim, na cruz, o antigo modo de existência, e inaugurou a nova era, resgatando os seus:

... o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, (Gl 1.4; cf Rm 6.11).

## 2. Carne e Espírito

Em referência à vida terrena de Cristo, Paulo faz um contraste entre *na carne* e *no Espírito*, Rm 1.3-4; 1 Tm 3.16; Rm 8.10. Esse contraste não é psicológico, como se tratasse de duas partes da existência humana de Cristo (suas duas naturezas); também não é uma dicotomia antropológica e muito menos um contraste ético, como Paulo às vezes faz (Gl 5.13ss). “Carne” e “Espírito” representam *dois modos de existência*:



1. “**Carne**”, a velha era, caracterizada e determinada pela carne;
2. “**Espírito**”, a nova criação que provém do Espírito de Deus.

O contraste é similar ao contraste entre o primeiro Adão, que era uma “alma vivente” (carne) e o último Adão, que é “espírito vivificante” (1 Co 15.45).

É assim que Paulo vê a existência terrena de Jesus Cristo, em termos escatológicos. Da mesma forma ele vê a Igreja, não mais na carne – isto é, debaixo do regime do mundo antigo e dos poderes malignos que o dominam – mas no Espírito, trazida para debaixo do domínio e a liberdade de Cristo (Rm 8.1-25; especialmente os versos 9,13; 2 Co 3.6; Gl 3.21).

O contraste carne/Espírito na pregação de Paulo tem várias nuances, mas seu ponto de partida é o contraste escatológico, pelo qual os demais aspectos se tornam claros e significativos. Na história dos estudos paulinos, como já vimos, houve diversas tentativas de entender esse contraste em termos do pensamento greco-helenístico, ético ou mesmo em termos da **dialética** de Hegel.

Entretanto, seu pano de fundo são as Escrituras do Antigo Testamento, onde o Espírito de Deus é frequentemente associado com a ação de Deus na história, cf. Is 32.15; 11.2; 59.21; 61.1; Joel 2.28-29; Zc 4.6; 12.10; etc. Em termos similares, Paulo conecta o Espírito ao agir histórico de Deus em seus dias, cf. At 2.16; Rm 2.29; 5.5; 8.15; 2 Co 3.3; Gl 3.14; Ef 1.13. Para Paulo, o Espírito é o dom dos últimos dias.

## **Cristo, o Filho de Deus**

A pregação de Paulo acerca de Cristo é fundamentada também em sua confissão de que Cristo é o Filho de Deus. Essa confissão não é o resultado de sua reflexão acerca de Cristo como o *Kyrios* (Senhor) exaltado (conceito supostamente tirado das religiões de mistério) mas tem sua origem principalmente no conceito da *pré-existência* de Cristo, que Paulo afirma categoricamente.

Examinemos as passagens abaixo:

- ... vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei (Gl 4.4).
- Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado (Rm 8:3).
- ... pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos (2 Co 8.9).
- ... pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra (Fp 2.6-10).
- Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? (Rm 8.32).

Passagens como estas acima sugerem, que no pensamento do apóstolo, a vinda do Filho de Deus ao mundo na plenitude dos tempos pressupõe *a sua pré-existência com Deus*. Portanto, a exaltação de Cristo na teologia paulina não deve ser dissociada do significado que *pessoa* de Cristo tem para o apóstolo.

Ao interpretarmos as passagens onde Paulo declara que Cristo é o Filho de Deus (por exemplo, Rm 1.3,4,9; 5.10; 8.3,29; 1 Co 1.9; 2 Co 1.19; Gl 1.16; 2.20, etc.) devemos levar plenamente em conta os seus pronunciamentos acerca da sua pré-existência. Deus enviou seu Filho, e esse ato não criou a filiação divina de Cristo, mas a pressupõe. Do mesmo modo, ao concluir a obra de redenção, Cristo não cessou de ser o Filho de Deus.

Quando Paulo fala da pré-existência de Cristo, ele o faz sempre em relação à revelação do Filho de Deus na história da redenção. Paulo faz com que a linha da história da redenção retroceda até a pré-

existência de Cristo e fala dessa pré-existência à Igreja do ponto de vista da revelação na história. Como o Pré-Existente, o Filho de Deus é o Cristo, o objeto da eleição divina (Ef 1.4), e como tal, aquele em quem a graça de Deus foi dada desde os tempos eternos (2 Tm 1.9; cf. Ef 1.9), em quem a Igreja é abrangida, escolhida e santificada (Ef 1.4; 2.10; Rm 8.29).

## **Conclusão**

Os quatro aspectos da pregação de Paulo aqui estudados confirmam nossa abordagem: Paulo é um pregador do Evangelho que raciocina em termos da vinda de Cristo ao mundo como a culminação da história da redenção, trazendo o mundo presente ao seu fim e inaugurando a era vindoura. A obra de Cristo foi *por nós* e nos encontramos *nele*, um modo de existência em contraste ao estar em Adão. Isto é também representado pelo contraste entre *o velho e o novo*, em suas cartas, e pelo contraste entre *a carne e o Espírito*.

Todos nós, que já conhecíamos as cartas de Paulo, certamente estamos familiarizados com estes termos do apóstolo. O propósito destas aulas é revelar-nos o ponto de partida escatológico, histórico-redentivo, dos mesmos, Fazendo isto, percebemos mais claramente a unidade do pensamento de Paulo com as Escrituras do Antigo Testamento, bem como com o ensino de Jesus e dos escritores do Novo Testamento.

## ● AULA 8: ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS -- O PRIMOGÊNITO DE CADA CRIATURA

### Introdução

Em aulas anteriores mencionamos de forma rápida a designação que Paulo dá a Cristo de "o primogênito de cada criatura". Na aula presente examinaremos este conceito mais de perto, visto que o mesmo faz parte das *estruturas fundamentais da pregação de Paulo*.

### O Primogênito de cada Criatura

Esta designação que Paulo dá à Cristo nos revela algo interessante: o apóstolo atribui a Cristo uma posição *escatológica* com relação à criação em geral. Ou seja, o significado escatológico, histórico redentivo da pessoa e da obra de Cristo pode ser também percebida na posição que Paulo atribui a Cristo com relação à criação. Esta posição é de Senhorio absoluto sobre o mundo criado, visível e invisível. É um Senhorio *cósmico*. Vejamos estas passagens:

- Este é a imagem do Deus invisível, *o primogênito de toda a criação*; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, *o primogênito de entre os mortos*, para em todas as coisas *ter a primazia*, porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus (Cl 1.15-20).
- ... todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; *e um só Senhor*, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele (1 Co 8.6).
- de *fazer convergir nele*, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra (Ef 1.10).

Essa dimensão "cósmica" da cristologia de Paulo tem provocado diversas tentativas de explicação por parte dos estudiosos paulinos. Exatamente de onde Paulo tirou esta idéia do Senhorio cósmico do Messias? Que elementos ele usou para criar este conceito? Houve muitas explicações e certamente não poderemos mencionar todas aqui. As duas principais explicações são estas:

#### 1) *Sabedoria*

Diversos estudiosos julgam que Paulo, em Cl 1.15-20, simplesmente atribuiu a Cristo os atributos da sabedoria divina encontrada no livro de Provérbios (8.22; 3.19), no livro apócrifo de Sabedoria (7.21,25ss) e no livro de Eclesiastes (1 e 4). Nestes livros, a sabedoria de Deus é referida em termos pessoais (como se fosse uma pessoa, um recurso literário chamado de "personificação"), como tendo existido antes da criação do mundo e como tendo sido o instrumento ou agente da criação de Deus. Devemos admitir que Paulo conhecia estas obras, como parte de seu *background* judaico e que, com certeza, conhecia a ênfase que é dada neles à sabedoria divina, vista como a essência da piedade judaica. E certamente ele estava familiarizado com a "personificação" da sabedoria (por exemplo, Provérbios 1.20-31). Entretanto, a semelhança da cristologia cósmica de Paulo com a sabedoria divina personificada destes livros explica-se satisfatoriamente, não em termos de "empréstimo" da parte do apóstolo, mas em termos de uso comum de uma mesma terminologia judaica. A diferença, por outro lado, é radical: a sabedoria personificada nesses livros é uma criação de Deus enquanto que Paulo fala de Cristo em Cl 1.15-20 como pessoa divina, pré-existente.

Portanto, Cl 1.15-20 não deve ser entendido como sendo uma interpretação cristológica da sabedoria divina feita por Paulo.

## 2. *Filo e Escritos Herméticos*

Nas obras de Filo encontram-se especulações a respeito do Logos, o qual incorpora a totalidade das idéias divinas e onde ocorrem termos como *protogonos* (primogênito), princípio e nome de Deus, o homem segundo a imagem, etc. Nos escritos Herméticos (veja quadro abaixo), fala-se que o cosmos é a imagem de Deus; o homem divino primitivo é também referido como sendo a imagem de Deus. Alguns estudiosos, vendo a semelhança com a cristologia cósmica de Paulo, acreditam que ele foi influenciado por esses conceitos e transferiu-os para Cristo, em passagens como Cl 1.15-20. Entretanto, a semelhança é bastante superficial e resume-se ao emprego de termos semelhantes que tinham uma circulação vasta no Judaísmo daquela época. Além do mais, não se pode dizer que Paulo copiou os Escritos Herméticos, pois os mesmos datam posteriormente ao apóstolo. O mais provável é que eles copiaram Paulo!

## 3. *Hino Pré-Gnóstico*

Ainda outros estudiosos, como Ernest Käsemann, discípulo de Bultmann, acham que a cristologia cósmica de Paulo em Colossenses é derivada de um hino pré-gnóstico que Paulo tomou e adaptou. Entretanto, é quase inadmissível pensar que Paulo teria feito isso, quando ele mesmo adverte a igreja nessa carta contra as especulações gnósticas (2.8)!

### **Escritos Herméticos ou *Corpus Hermeticus***

Coleção de tratados metafísicos e diálogos datando de meados do século I ao século IV AD, que se apresentam como revelações de Tot, o deus egípcio da sabedoria. Boa parte da coleção, escrita em grego e latim, diz respeito a alquimia, astrologia e mágica, e representa crenças e idéias dominantes nos inícios do Império Romano. Os 17 tratados do *Corpus Hermeticus* tratam de questões teológicas e filosóficas; seu tema central é a regeneração e deificação da humanidade através do conhecimento de um Deus transcendente. Apesar de que a coleção foi produzida e encontrada num ambiente egípcio, sua orientação filosófica é grega (platônica).

A explicação mais natural e óbvia para este conceito paulino é que o apóstolo utiliza-se em Colossenses do ensino das Escrituras do Antigo Testamento sobre a criação do homem e do mundo. O título que ele dá a Cristo, “primogênito de toda a criação” é obviamente uma alusão à Adão. Esse título não é apenas uma graduação, ordem ou posição, como a ocupada por Adão em relação à toda a criação. Mas implica na autoridade de Cristo sobre toda a criação e sobre sua Igreja, como o último Adão. Mais uma vez temos por detrás da passagem o conceito paulino de Cristo como último Adão ou segundo homem, conceitos escatológicos, histórico-redentivos.

Um aspecto interessante é que em 1 Coríntios 15 e Romanos 5 Paulo descreve Cristo como o último Adão e o segundo homem, pois veio depois do primeiro Adão e do primeiro homem na ordem da história da redenção. Mas em Cl 1.15-20, Cristo é o Primogênito, a Imagem de Deus, que existia antes de Adão na ordem da história da salvação. Em outras palavras, Paulo coloca Cristo no início e no fim da história da redenção; entre essas duas posições existe uma relação bem elaborada e estruturada.

As estruturas fundamentais e as implicações escatológicas da pregação de Paulo são evidentes: a nova criação que irrompeu no mundo presente em Cristo toma o lugar da antiga criação representada por Adão. É, entretanto, muito mais gloriosa que ela, devido à sua origem, seu cabeça e seu destino final.

## Cristo, o Kyrios Exaltado que Virá

Uma última faceta do caráter escatológico, histórico-redentivo da pregação de Paulo, ainda deve ser analisada, que é a *ascensão de Cristo*, seu assentar-se à mão direita de Deus nos lugares celestiais e sua futura *parousia* (segunda vinda de Cristo).

Alguns estudiosos, conforme já vimos, interpretam a doutrina da exaltação de Cristo na pregação de Paulo como tendo sido uma evolução no pensamento do apóstolo. Frustrado com a demora da *parousia*, Paulo transformou a expectativa da *parousia* do Filho do Homem escatológico da cristologia da Igreja primitiva, numa experiência mística e cútica com Cristo através do Espírito, sob a influência do misticismo helenista. Assim, em sua cristologia, o centro gravitacional teria mudado da expectativa da vinda do Filho do homem para comunhão com o Kyrios pneumático. Essa tese foi defendida por aqueles estudiosos que achavam que a matriz formadora do pensamento de Paulo era o helenismo e as religiões de mistério.

Resta pouca dúvida que comunhão com o Cristo exaltado tem um lugar de importância na pregação de Paulo, bem como o ensino sobre o Espírito Santo. Na verdade, Paulo constantemente enfatiza que é no Espírito que essa comunhão com o Kyrios exaltado acontece e que no Espírito o Kyrios exaltado abençoa e ministra à sua Igreja, 2 Co 3.17; 1 Co 12.4-5; Ef 4.4-5. Mas isso nada subtrai do caráter escatológico, histórico-redentivo da pregação de Paulo, e muito menos significa que o centro da mesma é união com o Cristo presente no culto, conforme Boussett e outros argumentaram.

Para Paulo, bem como para toda a Igreja primitiva, o *Espírito Santo é o dom escatológico dos últimos tempos*, a revelação da era grandiosa da salvação, de acordo com as profecias do AT. Ao mesmo tempo, ninguém mais que Paulo enfatiza que essa dispensação do Espírito é a dispensação interina, provisória, que antecipa a consumação que jaz adiante na ordem da história da salvação. Assim, o Espírito nos traz as *primícias* (Rm 8.23), o *penhor* daquilo que Deus haverá ainda de nos dar (2 Co 5.5; Ef 1.14), no qual os crentes são *selados* para a redenção final (2 Co 1.22; Ef 1.13; 4.30). É o Espírito que mantém viva neles a esperança e o anseio pela plena revelação dos filhos de Deus (Rm 8.16,23,26). Portanto, não há a menor base para pensarmos que o centro de gravidade da pregação de Paulo inclinou-se para a comunhão com o Senhor pneumático exaltado, havendo perdido toda esperança escatológica. O conceito do Espírito, em Paulo, é eminentemente escatológico.

É dessa perspectiva que a relação profunda que Paulo estabelece entre Cristo e o Espírito deve ser abordada, em particular, a interpretação de 2 Co 3.12. Essa passagem é a principal usada para provar que para Paulo, Jesus, como o Kyrios exaltado, era idêntico com o Espírito, um conceito derivado do helenismo. Entretanto, aqui Paulo não está dando uma definição da natureza do Cristo exaltado como se o mesmo fosse idêntico com o Espírito ou mesmo dissolvido nele. Ao contrário, nessa passagem ele resume seu argumento no capítulo, que gira em torno do contraste histórico-redentivo entre o ministério da letra e da morte, da antiga aliança, e o ministério da vida e do Espírito, da nova aliança. Nessa linha de pensamento, ele chama Cristo de “O Espírito” pois no Senhor, a obra liberadora do Espírito é levada à pleno efeito, a nova aliança se cumpre e a nova criação acontece.

A expectativa do regresso futuro do Senhor exaltado, por fim, é central na pregação de Paulo (seus diversos aspectos merecem um estudo a parte). É a consumação indispensável da totalidade de sua pregação e tem uma relação inseparável com o centro de seu kerygma. A revelação do mistério, o resumo e o padrão da pregação de Paulo não se completará até que Cristo se manifeste em glória. Aí, o último mistério será revelado (1 Co 15.51; Rm 11.25).

## Conclusão

Chegamos ao final da série de aulas sobre as estruturas fundamentais da pregação de Paulo. Espero que tenha ficado claro que o ponto de partida da pregação do apóstolo é sua convicção que a vinda de Jesus Cristo marca o cumprimento das antigas promessas dos profetas de Israel, a inauguração e a erupção do mundo vindouro *agora* no presente.

Certamente há outras maneiras de se ler Paulo e procurar sintetizar seu pensamento. Elas destacam outros aspectos da pregação do apóstolo e podem nos ajudar a compreender mais amplamente a sua teologia. Mas, com certeza, a abordagem escatológica, histórico-redentiva, é a que sintetiza de maneira mais clara e apaixonante o seu pensamento.

Nas aulas seguintes exploraremos temas e subtemas da teologia paulina, sempre partindo da perspectiva histórico-redentiva.